



# Dicas *de* Português

SINTAXE





# Dicas *de* Português

SINTAXE



## CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

<b>Presidente</b>	Ministro Ricardo Lewandowski
<b>Corregedor Nacional de Justiça</b>	Ministra Nancy Andrighi
<b>Conselheiros</b>	Ministro Lelio Bentes Corrêa Ana Maria Duarte Amarante Brito Flavio Portinho Sirangelo Deborah Ciocci Saulo José Casali Bahia Rubens Curado Silveira Luiza Cristina Fonseca Frischeisen Gilberto Valente Martins Paulo Eduardo Pinheiro Teixeira Gisela Gondin Ramos Emmanuel Campelo de Souza Pereira Fabiano Augusto Martins Silveira
<b>Secretário-Geral</b>	Fabício Bittencourt da Cruz
<b>Diretor-Geral</b>	Rui Moreira de Oliveira

### EXPEDIENTE

<b>Secretaria de Comunicação Social</b>	Giselly Siqueira
<b>Projeto gráfico</b>	Eron Castro
<b>Revisão</b>	Carmem Menezes

2015

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Endereço eletrônico: [www.cnj.jus.br](http://www.cnj.jus.br)

Seja bem-vindo(a)!

Esta coletânea Dicas de Português nasceu a partir do material publicado pela Comunicação Interna do Conselho Nacional de Justiça na intranet e está agora disponível para você!

Aqui, você encontrará dicas reunidas em cinco livretos temáticos – Morfologia e Fonologia; Sintaxe; Redação Oficial; Produção de Texto e Variados – lançados como parte das celebrações dos 10 anos do CNJ. O foco é língua portuguesa padrão, apresentada segundo a teoria gramatical e acompanhada de prática em exercícios.

Este material foi uma ideia concebida pela Secretaria de Comunicação Social em 2010 para o aprimoramento linguístico dos servidores e colaboradores. De lá pra cá, revisoras de texto abraçaram a causa, que, atualmente, possui espaço específico na intranet, além de ser enviada por *e-mail* semanalmente a todos do CNJ!

Assim como o CNJ aproxima a Justiça do cidadão, esperamos que você se regale com nossos livretos e que eles aproximem você da língua portuguesa padrão!

**Rejane Rodrigues**

*Chefe de Seção de Comunicação Institucional*

**Giselly Siqueira**

*Secretária de Comunicação Social*



# Sumário

Usos e costumes .....	11
Concordância Verbal .....	11
Sobre concordância verbal: parte 2 .....	12
Concordância verbal: parte 3 .....	13
Sobre concordância nominal .....	14
Uma questão de porcentagem .....	15
Próclise, mesóclise e ênclise .....	15
Curiosidades sobre o uso da crase .....	17
Uso do sinal indicativo da crase .....	17
Expressões casadas e o uso da crase .....	17
Infinitivo Flexionado .....	18
Sobre o uso do “que” .....	18
Informá-lo ou informar-lhe? .....	18
Situações básicas de vírgula .....	19
Colocação pronominal nas locuções verbais e nos tempos compostos .....	19
Situações em que a ortografia oficial brasileira separa o “por que” .....	20
É proibido entrada ou é proibida a entrada? .....	20
Emprego correto do gerúndio .....	20
Atenção para a regência .....	21
Aprenda a concordar o sujeito com o verbo .....	22
A maioria dos conselheiros confirmou ou confirmaram? .....	23
Peculiaridades do verbo “precar” .....	23
Como fazer a concordância do verbo “haver”? .....	23

Quem, o que, aquele que? .....	24
Sobre o sujeito indeterminado .....	24
Ainda sobre sujeito indeterminado .....	25
Sujeito subentendido .....	25
Sobre o adjunto adverbial e o objeto indireto .....	26
Sobre adjunto adnominal .....	26
Complemento nominal ou adjunto adnominal? .....	27
... e continua o complemento nominal .....	27
Comportamento do sujeito com verbos de ação e de estado .....	28
O valor sintático do aposto .....	29
Ainda sobre adjuntos adverbiais .....	29
Concordância verbal .....	30
Concordância verbal .....	31
Que venha a sintaxe! .....	32
Sujeito: o essencial que dizem inexistir... ..	33
Complementos verbais .....	34
Termos acessórios da oração: os detalhes que fazem toda a diferença .....	35
Coordenação: orações independentes .....	36
Classificação de orações coordenadas .....	37
Subordinação: uma relação desnivelada .....	38
Classificando as subordinadas: quando tudo se multiplica .....	39
O mesmo grafema, várias funções .....	40
Concordância de pronomes .....	41
Explicação, restrição e numeração: emprego de vírgulas e de numerais .....	42

Tendências à próclise: pontuação e vocativo .....	43
Regência verbal: lista de consulta rápida .....	44
Voz passiva: quando o sujeito está à esquerda .....	45
Preposição e pronome relativo: uma combinação sofisticada .....	46
Concordância verbal: só os casos particulares .....	47
Crase: fenômeno fonológico .....	48
Concordância e regência nominal: tudo precisa combinar .....	49
Verbos modais: características dos verbos principais .....	50
Sintaxe de colocação: falando sobre ordem .....	50
Gerundismo: vamos estar discutindo essa questão .....	51
Programação do ano: começando a pontuar .....	52
Vírgula: aqui, ali, em alguns lugares .....	53
Sinais de pontuação esquecidos: reticências, aspas, colchetes e travessão .....	55
Concordâncias: a arte de harmonizar .....	57
Concordância verbal: exercícios antes da teoria .....	58
Concordância verbal: exercícios com teoria .....	59
Concordância do verbo Ser: como ser correta .....	61



## Usos e costumes

### Um mil

» Não se deve escrever por extenso em cheque “um mil”. Pior ainda: “hum mil”. Além de o cardinal “mil” não vir em português antecedido de “um”, não cabe introdução de nenhum numeral entre o que está impresso no cheque e o mil que se deva escrever por extenso para expressar o valor do cheque.

### Partitivo com porcentagem/ porcentagem

No plural ou no singular do verbo?

- » Quando o predicado é constituído de verbo de ligação ou de locução verbal passiva, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo. Exs.: Noventa por cento das mulheres dessa tribo são analfabetas. Trinta por cento da nossa produção é exportada. Vinte por cento da população estava acamada. Cinquenta por cento das professoras devem ser nomeadas por merecimento.
- » Quando o número percentual vem antecedido ou seguido de adjunto no plural, é melhor aceitar o plural. Exs.: Bons 30% da mercadoria foram salvos. Os restantes 30% do colégio dão conta das obrigações. Esses 5% da boiada morreram. 90% dos homens viajaram.
- » Tirando esses casos, emprega-se o singular. Exs.: 90% da imprensa defende.

80% do eleitorado compareceu. 90% da borracha latino-americana ainda provém das árvores nativas.

- » Quando o número percentual fizer parte do sujeito da oração, a concordância se fará com:
  - a) o numeral, se desacompanhado de nome. Ex.: 75% desejam mudanças na Constituição;
  - b) o nome que se segue ao numeral. Ex.: 90% dos eleitores votaram; 90% da população votou; 1% dos votos foram computados; dez por cento do eleitorado não compareceu às urnas.
  - c) o artigo ou o pronome que vier determinando o porcentage. Ex.: 20% da dívida foram perdoados; esses 28% pertencem aos trabalhadores.

---

Fontes: **Dicionário de Questões Vernáculas**. 4. ed., 6. impr. São Paulo: Ática, 2008. p.371-372 e 575. **Manual de revisão e padronização de publicação do TSE**. Seção de Publicações Técnico-Eleitorais, p.39, 2001.

## Concordância Verbal

Regra geral: o verbo (termo subordinado) concorda com o sujeito em relação a número e pessoa.

Alguns casos que merecem nossa atenção:

- » Sujeito composto posposto ao verbo aceita a concordância com o núcleo

mais próximo ou com o conjunto. Ex.: Chegou o relatório e o processo. Chegaram o relatório e o processo.

- » Sujeito composto formado por palavras sinônimas aceita a concordância com o núcleo mais próximo ou com o conjunto. Ex.: A honestidade e a probidade faz (ou fazem) bem à sociedade.
- » Sujeito composto formado por pessoas gramaticais diferentes concorda o verbo com o conjunto se possuir primeira pessoa. Ex.: Paula, Pedro, tu e eu saímos.
- » Sujeito composto formado por pessoas gramaticais diferentes sem a primeira pessoa concorda o verbo com o conjunto ou com a terceira pessoa do plural. Ex.: Paula e tu andais (ou andam).
- » Sujeito composto formado por verbos no infinitivo mantém o verbo da oração principal no singular. Ex.: Andar e sorrir faz bem à saúde.
- » Sujeito composto formado por verbos no infinitivo com ideias contrárias leva o verbo da oração principal para o plural. Ex.: Rir e chorar fazem bem à vida.
- » Sujeito composto formado por verbos substantivos entra na regra geral. Ex.: O andar e o sorrir fazem bem à saúde.
- » Pronome apassivador “se”: o verbo concorda com o sujeito. Ex.: Procuram-se novos Caminhos. (sujeito = novos cami-

nhos) Podem-se reconhecer duas pessoas na foto (sujeito = duas pessoas).

- » Verbo impessoal é aquele que não possui sujeito e é empregado na terceira pessoa. São verbos impessoais:
  - a) fenômenos da natureza. Ex.: Ventou muito ontem. Choveu à noite.
  - b) o verbo haver no sentido de ocorrer, existir, acontecer ou tempo decorrido. Ex.: Houve muitos acidentes na estrada. Há processos sobre a mesa. Haverá espetáculos interessantes em Santos. Há dias não chove.

---

Fonte: Gramática Portuguesa II – PosEAD

## Sobre concordância verbal: parte 2

- » Com o verbo “fazer” no sentido de tempo decorrido ou clima. Ex.: Faz dez dias que não vejo você. Faz invernos rigorosos na Argentina.
- » Com o verbo “ser” e o verbo “estar” no sentido de tempo, clima, estação do ano e distância. Ex.: São dez horas. É primavera. Está calor. São trezentos quilômetros de Brasília a Goiânia.
- » Com as expressões “já passa de”, “basta de”, “chega de”. Ex.: Já passa das dez. Basta de bobagens. Chega de tarefas.

- » O verbo acompanhado de partícula apassivadora concorda com o sujeito. Ex.: Comprou-se o carro. Compraram-se os carros.
- » O verbo acompanhado de índice de indeterminação do sujeito permanece no singular sempre. Ex.: Precisa-se de novos projetos. Gosta-se de livros.
- » Palavras que terminam com “s” não determinadas mantêm o verbo no singular. Ex.: Campinas é um bom lugar para se morar. Lápis se tornou indispensável para a tarefa. Os óculos são indispensáveis para algumas pessoas. Os Estados Unidos da América foram responsáveis pela guerra.
- » Coletivos partitivos (“a maioria, a minoria, grande parte, metade de”) seguidos de adjuntos adnominais no plural concordam o verbo com o núcleo (ou com o adjunto). Ex.: A maioria dos alunos está (ou estão) interessada/interessados. Grande parte dos relatórios apresenta (ou apresentam) erros.
- » O pronome “que” não interfere na concordância. Ex.: O rapaz que saiu é inteligente. O juiz que determinou a sentença está correto.
- » O pronome “quem” faz que o verbo concorde com o pronome ou com o substantivo que o antecede. Ex.: Fui eu quem fez (ou fiz) o trabalho ontem.
- » A união de dois pronomes com sentido partitivo mantêm o verbo no singular,

quando o núcleo da expressão está no singular. Ex.: Qual de nós entregou o trabalho. Algum deles saiu.

---

Fonte: **Gramática Portuguesa II – PosEAD**

## Concordância verbal: parte 3

- » Com a expressão “quais de nós” o verbo aceita a concordância com o núcleo ou com o adjunto, quando a união de dois pronomes possui o núcleo no plural. Ex.: Quais de nós entregaram (ou entregamos) o trabalho.
- » Pronome de tratamento concorda o verbo na terceira pessoa do singular. Ex.: Vossa Excelência entregou o trabalho ontem.
- » A expressão “um dos que” leva o verbo para o plural. Quando ocorre a expressão com “substantivo” no adjunto adnominal, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o adjunto. Ex.: Um dos que saíram. Um dos rapazes que voltou (ou voltaram).
- » A expressão “mais de um” mantêm o verbo no singular. O plural só ocorre se houver sujeito composto com a expressão ou se houver reciprocidade. Ex.: Mais de um processo já foi liberado. Mais de um processo, mais de um relatório chegaram cedo. Mais

de um advogado encontraram-se no corredor.

- » A expressão “um e outro” e suas variações aceita o verbo no singular ou no plural. Se houver reciprocidade, o plural se torna obrigatório. Ex.: Um e outro delegado chegou (ou chegaram). Uma e outra menina se abraçaram na festa.
- » A expressão “um ou outro” e suas representações com substantivos mantém o verbo no singular com ideia de exclusão. O verbo vai para o plural com ideia de adição. Ex.: São Paulo ou Santos será campeão do Brasil em 2009. Uva ou manga me agradam sempre.

### **Observações importantes sobre o uso do e/ou.**

A expressão significa uma abreviatura que encerra elipse, e não só uma oração. Não existe aí concurso de duas conjunções diferentes em uma única coordenada. Nossa forma usual de escrever é “e(ou)”, quando o inglês escreve “and/or”, com uma barra entre as conjunções.

Só existem as duas possibilidades quando necessário expressar a de conjunção, conexão, adição, participação, combinação ou simultaneidade e a de exclusão de uma delas. Veja os exemplos: um cheque pode ser emitido por fulano “e” fulano ao mesmo tempo (ambos o assinam) “ou” por qualquer deles. A educação será dada pelo pai e(ou) pela mãe.

## **Sobre concordância nominal**

Teoricamente, o nome concorda com seu referente em gênero e número. Na prática, devemos tomar cuidado com alguns casos.

- » O termo “quite” concorda com o referente. Ex.: Estou quite/ Estamos quites.
- » O termo “leso” concorda com o referente. Ex.: Crime de lesa-pátria/Crime de leso-patriotismo.
- » Um e Outro – seguida de substantivo e adjetivo mantém o substantivo no singular e o leva o adjetivo para o plural. Ex.: Um e Outro deputado federais saíram.
- » “Obrigado” concorda com o referente. Ex.: Homem diz obrigado/ Mulher diz obrigada.
- » Os termos “mesmo”, “próprio”, “só”, “junto”, “anexo”, “incluso”, “bastante” e “meio”, quando adjetivos, concordam com o referente. Ex.: Eles mesmos saíram. Elas mesmas saíram. Nós próprios chegamos. Estou só. Estamos sós. A carta seguiu anexa. O livro seguiu anexo. Comprei bastantes livros. Bebi uma garrafa e meia.
- » O predicativo do sujeito fica invariável quando o sujeito não está determinado. Se o sujeito estiver determinado, concorda com ele. Ex.: Água é bom. A água é boa. É proibido entrada. É proibida a

entrada. É necessário reunião. É necessária a reunião.

- » O termo “possível” fica invariável se fizer parte de uma expressão superlativa no singular (o mais, o menor, o pior, o melhor) ou se estiver ao lado de “quanto”. Ex.: “Encontrei processos o mais intrigantes possível. Encontrem-me tão rápido quanto possível.
- » Dois ou mais adjetivos podem concordar com um mesmo substantivo. Ex.: As polícias civil e militar. As bandeiras brasileira e inglesa. O primeiro e o segundo grau. O primeiro e segundo graus.
- » Se o artigo aparecer também antes do segundo adjetivo, a concordância será feita assim: A polícia civil e a militar. A bandeira brasileira e a grega.

Fonte: Gramática da Língua Portuguesa II – PosEAD.

## Uma questão de porcentagem

- 80% estão desempregados
- 80% do eleitorado está desempregado
- 80% da população está desempregada
- 80% dos homens estão desempregados
- 80% das mulheres estão desempregadas
- 1% está desempregado

- 1% do eleitorado está desempregado
- 1% da população está desempregada
- 1% dos homens estão desempregados
- 1% das mulheres estão desempregadas

Fonte: Manual de Redação. Folha de São Paulo

## Próclise, mesóclise e ênclise

Os pronomes oblíquos átonos (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes) podem ser colocados em três lugares distintos na oração: antes, depois ou no meio do verbo. Para isso, as seguintes regras devem ser seguidas:

- 1 Colocação do pronome antes do verbo (Próclise): Na língua portuguesa culta só ocorrerá a próclise quando houver uma palavra atrativa antes do verbo. No Brasil, a gramática moderna traz o seguinte: Usa-se próclise em qualquer circunstância, menos quando o pronome estiver no início do período. O uso da próclise, portanto, é permitido com ou sem palavra atrativa, a não ser no início do período. Por exemplo, uma frase sem elemento atrativo: “Ela dedicou-se aos filhos” ou “Ela se dedicou aos filhos”.
- 2) Colocação do pronome no meio do verbo (Mesóclise): Na língua portu-

guesa culta só ocorrerá a mesóclise quando não houver palavra atrativa e o verbo estiver no futuro do presente (amanhã eu irei) ou no futuro do pretérito (se você fosse, eu também iria). Exemplos: Far-te-ei o prometido. Dir-lhe-ia, se viesse.

3) Colocação do pronome depois do verbo (Ênclise): Na língua portuguesa culta só ocorrerá a ênclise quando não houver palavra atrativa nem o verbo estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito. Isso acontece:

a) quando o verbo abrir o período.

Ex.: Ordeno-lhe que saía imediatamente. Levantei-me assim que você saiu.

b) quando o sujeito – substantivo ou pronome (que não seja de significação negativa) – vier imediatamente antes do verbo, tanto nas orações afirmativas como nas interrogativas. Ex.: O aluno queixava-se do calor. João convidou-o para sair. Desde então, ele afastou-se da nossa casa. Os dois amavam-se desde a infância?

» Quando houver locução verbal (dois ou mais verbos, indicando apenas uma ação ou qualidade), existem as seguintes regras:

a) Se o verbo principal (o que indica a ação ou a qualidade) estiver no infinitivo (terminado em “ar, er ou ir”) ou no gerúndio (terminado em “ndo”), pode-se colocar o pronome ligado a este verbo ou ao outro, o denominado auxiliar. Se ele for colocado junto do principal, ocorrerá a ênclise; se for colocado junto do auxiliar, seguem-se as regras anteriores.

b) Se o verbo principal estiver no particípio (terminado em “ado” ou “ido”), não se pode colocar o pronome junto dele, somente junto do auxiliar.

Conclui-se, então, que o primeiro verso de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, sem a licença poética, deveria ser assim escrito: “Eu sei que te vou amar” ou “Eu sei que vou amar-te”.

Somente mais um detalhe: quando houver dupla atração, o pronome poderá ficar entre ambas ou após elas. Por exemplo: “Espero que se não aborreça comigo”

A tendência para a próclise na língua falada atual é predominante, mas iniciar frases com pronomes átonos não é lícito numa conversação formal. Por exemplo: Linguagem Informal: Me alcança a caneta. Linguagem Formal: Alcança-me a caneta.

## Curiosidades sobre o uso da crase

### A crase e A noite

Em A noite – segundo Napoleão Mendes, não existem dois aa (preposição mais artigo). Ex.: o cliente não vai cuidar de tomar o remédio “pela” noite mas de noite.

### A crase e A toa

Empregada em linguagem náutica para significar sem governo. Não há razão para a crase e para o hífen do termo, pois não há determinação para o uso da crase.

### A crase e A vista

Sem crase na expressão “pagamento a vista”, porque não se diz “pagamento ao prazo”; não há nenhuma determinação. Grafa-se, porém, “o resultado está à vista de todos” porque se diz “o resultado está ao alcance de todos”.

### A crase e À uma hora

Não tenhamos dúvidas em crasear o “a” que antecede o “uma” da frase “a uma hora”; não se trata de um indefinido, mas do numeral uma, que admite determinação. Ex.: Ele estuda da uma às cinco.

- » palavra masculina. Ex.: o aluno entregou o livro ao amigo.
- » pronomes indefinidos: quem, alguém. Ex.: a menina entregou o livro a quem pediu.
- » pronomes demonstrativos: esse, este. Ex.: a criança deu a bola a esse homem.
- » pronomes pessoais: ela, mim. Ex.: João entregou o livro a ela.

Não se usa crase também em expressões como: cara a cara; de alto a baixo; de baixo a cima; de fora a fora; dia a dia; face a face; frente a frente; gota a gota.

Muitas expressões exigem sinal indicativo de crase, como: à altura; à escolha; à margem de; à bala; à espera; à medida que; à base de; à esquerda; à página 20; à beça; à força; à parte; à beira de; à francesa; à primeira vista; à caça; à luz; à procura; à direita; à maneira de; à proporção que; à disposição; à mão; (escrever) à razão de; à entrada; à mão; (estar) à tinta; à época; à máquina.

---

Fonte: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Ferramentas)

## Uso do sinal indicativo da crase

Não se usa sinal indicativo de crase antes de:

- » verbo. Ex.: o conselheiro liberou a resolução a publicar.

## Expressões casadas e o uso da crase

A crase é a união de dois aa.

Preposição a + artigo a: Dirigiu-se a (a) = à Corregedoria

Como identificar se dois “aa” se encontram em duas expressões? Para isso, é preciso que nelas estejam duas preposições e dois artigos.

Observe: de terça a quinta (Nesse caso não há, pois não cabe a preposição). Da (de + a) página 7 à (a) (página) 11, da (de+a) SQN 303 a (a) = à 316.

---

Fonte: SQUARISI, Dad. **Português com humor**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

## Infinitivo Flexionado

Sempre que o infinitivo vier antecedido de preposição, a regra deve ser usar o singular. Quando a clareza ficar comprometida, flexione o verbo.

Atenção para os exemplos: Esses são os temas a ser tratados. Há formas a ser desenvolvidas pelos cientistas. Muitas de suas afirmações são abrangentes demais para ser aceitas ao pé da letra. Os presentes foram forçados a sair. Os clientes eram obrigados a esperar duas horas na fila. Convidam os homens a perseverar na continuação do pecado. Forçou os inimigos a fugir.

---

Fonte: SQUARISI, Dad. **Português com humor**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

## Sobre o uso do “que”

### Uso do “que” e antecedente

Não se deve empregar o pronome “que” quando houver mais de um antecedente a

que se possa referir. Ex.: Estivemos no tribunal do fórum que foi fundado em 2005. Corrigindo: Naquele tribunal, estivemos no fórum que foi fundado em 2005.

### Uso do “que” em orações temporais

Em orações como “Todas as vezes que... No dia que...” não há necessidade absoluta de preposição “em” antes do “que”, porque em outras expressões do tipo ela pode ser omitida. Ex.: Dia 8 de agosto (em vez de “no” dia 8 de agosto). O ano que vem (em vez de “no” ano que vem).

---

Fonte: ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Dicionário de questões vernáculos**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

## Informá-lo ou informar-lhe?

Verbos transitivos diretos podem ser empregados na voz passiva.

No caso do verbo “informar”, há variações. Exemplo: Ele foi informado de que... assim dizemos: informei-o (ele) de que (disso) é sã a construção.

Entretanto, com o significado de “avisar, participar”, é o verbo “informar” sempre duplamente transitivo; se a pessoa é objeto direto, a coisa será o indireto. Exemplo: informei-o (objeto direto) de que (objeto indireto), informei-o de que ou informei-lhe (a você, objeto indireto) que

(coisa, objeto direto) – informei-o disso ou informei-lhe isso.

---

Fonte: ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Dicionário de questões vernáculos**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

## Situações básicas de vírgula

As vírgulas são usadas para separar:

- » sujeito composto; ex.: Marina, Rosa e Mara foram ao teatro.
- » objeto composto; ex.: Gosto de cinema teatro, música.
- » adjunto adverbial composto; ex.: Jorge viaja de trem, carro, ônibus, avião.
- » sujeitos diferentes; ex.: A Organização atacou o Oriente, e o Ocidente reagiu.
- » termos explicativos; ex.: A presidente do Brasil, Dilma, prepara nova viagem (só existe um presidente). A Capital do Brasil, Brasília, tem mais de dois milhões de habitantes (só há uma capital no Brasil). Minha mãe, Rosa, é inteligente. Dom Casmurro, de Machado de Assis, é obra-prima do Realismo brasileiro. Comprei um Focus, carro da Ford. O homem, mortal, tem alma imortal. O homem, que é mortal, tem alma imortal.
- » termos restritivos; ex.: O ex-presidente da República FHC completou

80 anos (pelo que se sabe, só FHC completou 80 anos por agora). Minha tia Maria chega hoje. Aluno estudioso tira boas notas. Aluno que estuda tira boas notas (só o aluno que estuda tira boas notas).

---

Fonte: SQUARISI, Dad. **Português com humor**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

## Colocação pronominal nas locuções verbais e nos tempos compostos

A colocação do pronome antes do verbo principal é tendência no português brasileiro, entretanto ele pode aparecer em outras posições. Ex.: Estou lhe comunicando a minha decisão. Eu lhe estou comunicando a minha decisão. Eu estou comunicando-lhe a minha decisão.

Caso o pronome esteja entre o verbo auxiliar e o principal, o uso do hífen é optativo: ex.: estou-lhe enviando (prática portuguesa) ou estou lhe enviando (prática brasileira). Se o verbo principal estiver no particípio, o pronome oblíquo pode vir antes ou depois do auxiliar, mas nunca após o particípio. Ex.: Os alunos haviam se encontrado. Os alunos se haviam encontrado.

---

Fonte: Manual de revisão e padronização de publicações do TSE. Brasília, 2001.

## Situações em que a ortografia oficial brasileira separa o “por que”

Observamos que, conforme a função, determinados advérbios podem ser conjuntivos e assim interrogativos. Ortograficamente, o advérbio interrogativo de causa traz os elementos separados, tanto nas orações interrogativas diretas (Por que você não vai?) quanto nas indiretas (Quero saber por que você não vai). Quando ocorre no fim do período ou separado, traz o acento circunflexo (Você não vai, por quê?).

Não confundir o advérbio interrogativo “por que” com o “por que” de frases como: A razão por que (pela qual) procedi. O caminho por que (pelo qual) devo Passar. Com a função de relativo, o que sempre se separa do por (proposição).

Fonte: ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

## É proibido entrada ou é proibida a entrada?

O verbo “ser” e alguns casos de concordância nominal

Determinadas expressões formadas pelo verbo “ser” e com outros verbos de ligação causam certas confusões, mas,

em exemplos desse tipo, o adjetivo permanece no masculino singular, caso o substantivo não esteja acompanhado do artigo a ou dos demonstrativos “esta, essa ou aquela”, quando então ocorrerá a flexão. Veja os exemplos: É proibido entrada. É necessário paciência. É proibida a entrada. É proibida essa entrada. (Corretas).

Assim, ficam erradas frases como: É proibido a entrada. É proibida entrada. (Erradas).

Em frases em que o substantivo vem antes, o critério para a concordância é o mesmo. Veja: Ginástica é ótimo para a saúde. A Ginástica é ótima para a saúde. (Corretas).

Ginástica é ótima para a saúde. A Ginástica é ótimo para a saúde. (Erradas).

---

Fonte: AQUINO, Renato. **Dicionário de gramática**: português prático e acessível, noções de linguística e filologia. 2. reimp. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

## Emprego correto do gerúndio

Emprega-se corretamente o gerúndio quando essas formas:

- » modificarem um substantivo ou um termo substantivado, assumindo a função de adjetivo. Ex.: Notei seus olhos vagando pelo imenso horizonte.

- » modificarem um verbo, atribuindo-lhe um valor circunstancial. Ex.: Possuindo aquela prova, nada o fazia mudar de ideia (possuindo = causa = porque possuía). Não concordou, sendo advogado, defender a sua cunhada (sendo = concessão = ainda que fosse). Será convocado, estudando (estudando = condição = se estudar).
- » formarem locuções verbais frequentativas e incoativas. Ex.: Havia muito tempo que todos andavam falando naquele assunto. As pessoas que estavam estudando iam aprendendo aqueles conceitos.
- » assumirem as funções sintáticas de predicativo ou de sujeito. Ex.: Todos estão perguntando a você... (perguntando = predicativo do sujeito “todos”). Poderia atender às suas vontades retirando-me (sujeito).
- » assumirem a função de aposto do sujeito. Ex.: A febre, havendo entrado com grande vigor, não quer despedir de todo.
- » constituírem orações reduzidas de gerúndio. Ex.: Todos deverão participar da reunião, excetuando os casos de força-maior, que ocorrerá na próxima quinta-feira.
- » puderem ser transformados em orações subordinadas adverbiais de tempo. Ex.: Esse documento foi assinado por

Paulo, sendo o conselheiro desta instituição (sendo = quando era).

---

Fonte: SCHLITTLER, José Maria Martins. **Manual prático de redação profissional**. 2. ed. rev. ampl. e atual. conforme a Nova Reforma Ortográfica. Campinas/SP: Servanda, 2010.

## Atenção para a regência

Alguns dos tantos verbos que precisam de cuidados quanto à regência:

- » Aspirar: transitivo direto no sentido de “sorver, cheirar”; ex.: Ele aspira o suave perfume da flor. Na acepção de “almejar, pretender”, é transitivo indireto; ex.: O jovem advogado aspirou ao cargo de magistrado.
- » Custar: transitivo direto quando usado no sentido de “ser difícil, ser penoso”; ex.: Custa-me crer que você perdeu o prazo para o recurso. Entretanto o uso do “custa-me a crê-lo / custa-me a crer” é aceitável por muitos gramáticos.
- » Obedecer: verbo exclusivamente transitivo indireto; ex.: O magistrado obedece ao ordenamento jurídico. O magistrado obedece-lhe.
- » Pagar: verbo que tem duas transitividades. Transitivo direto se o complemento é coisa: O perdedor pagou o valor devido. O perdedor pagou-o. É transitivo indireto se o complemento é pessoa: O vencido pagou ao vencedor. O vencido pagou-lhe.

» Implicar: transitivo direto no sentido de “acarretar, originar, produzir, ser causa de, dar a entender, fazer supor”; ex.: A nulidade da obrigação principal implica a das obrigações acessórias. Os precedentes daquele juiz implicam grande honestidade.

É transitivo indireto no sentido de “ter implicância”; ex.: O chefe implica muito com seus subordinados.

Apesar da normal observância do regime direto, tal como entendem os gramáticos, foram encontrados em pesquisa sobre textos de lei exemplos em que “implicar” se apresenta como transitivo indireto: A falsificação de diploma ou outros quaisquer títulos implicará na instauração de processo que no caso couber (CLT, art. 345, parágrafo único). Tal, desde que não tenha implicado em falta de pagamento do tributo (CNT, art. 106, II, b.)

» Responder: Bons exemplos da língua apontam que a melhor sintaxe é aquela que faz do conteúdo da resposta o objeto direto e daquilo a que se responde o objeto indireto. Assim: O réu respondeu argumentos irrefutáveis (conteúdo da resposta = objeto direto). O magistrado respondeu ao ofício da Corregedoria (aquilo a que se responde = objeto indireto).

Fonte: COSTA, José Maria da. **Manual de redação profissional**. 3. ed. Campinas/SP: Millennium, 2007.

## Aprenda a concordar o sujeito com o verbo

Casos especiais de concordância verbal. Aprenda a concordar o sujeito com o verbo.

### Com

Sujeito ligado pela preposição “com” leva o verbo para o plural, quando a ideia for de participação simultânea deles na ação. Ex.: O líder com o vice-líder elaboraram o projeto.

Se o objetivo é priorizar o primeiro elemento, o verbo ficará no singular. Assim, não se pode falar em sujeito composto, pois o segundo elemento é adjunto adverbial de companhia. Ex.: O presidente, com os familiares, compareceu à solenidade.

### Como/Assim como/Bem como/ Tanto... como

Se os sujeitos estiverem ligados por uma dessas conjunções, o verbo concordará:

- » com o primeiro sujeito, quando se quiser destacá-lo. Neste caso, o segundo sujeito vem entre vírgulas. Ex.: O recorrente, como seu advogado, ficou informado com a decisão da justiça.
- » com os dois sujeitos, se considerados termos que se adicionam. Assim, não há vírgula entre os sujeitos. Ex.: Tanto o juiz como o conselheiro colocaram-se a favor da causa.

**Observações:** Esses mesmos critérios serão adotados com os sujeitos ligados pela série aditiva enfática “não só... mas também”, “não só...como também”, “não só...senão também”. Ex.: Não só o governo como também o povo concordaram com as medidas.

---

Fonte: **Manual de revisão e padronização de publicações do TSE.**  
Brasília: Seção de Publicações Técnico-eleitorais/Cobli, 2001.

## A maioria dos conselheiros confirmou ou confirmaram?

Casos especiais de concordância verbal. Saiba como escrever corretamente.

### *A maioria de/grande parte de*

O sujeito formado por essas expressões seguidas de nome no plural leva o verbo para o singular ou para o plural. Ex.: a maioria dos conselheiros confirmou/confirmaram presença na sessão.

### *Cerca de/mais de/menos de/perto de*

Tais expressões seguidas de um número no plural, para indicar quantidade aproximada, levam o verbo para o plural. Ex.: Cerca de 500 pessoas manifestaram apoio à Resolução.

Observação: Quando se tratar da expressão “mais de um”, o verbo fica no singu-

lar, concordando com o substantivo que o acompanha. Ex.: Mais de um conselheiro manifestou-se a favor da votação.

Se a expressão “mais de um” vier repetida ou indicar reciprocidade, o verbo deverá ficar no plural. Ex.: Mais de um conselheiro, mais de um juiz auxiliar se manifestaram a favor dos projetos do judiciário.

## Peculiaridades do verbo “precaver”

O verbo “precaver” só possui as formas arizotônicas (vocábulo cujo acento tônico não recai na raiz, mas em um sufixo derivacional ou flexional. Ex.: precav-emos; am-amos) do presente do indicativo; a 2ª pessoa do imperativo afirmativo e nenhuma do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.

É um verbo regular, não dependendo nem de ver, nem de vir.

---

COSTA, José Maria da. **Manual de redação profissional.** 3. ed.  
Campinas/SP: Millenium Editora, 2007.

## Como fazer a concordância do verbo “haver”?

Utiliza-se “haver” sempre na terceira pessoa do singular quando tem o mesmo

sentido de “existir”. Ex.: “Há dois convites sobre a minha mesa” e “Existem dois convites sobre a minha mesa” são frases equivalentes.

Essa regra vale também para os tempos pretéritos (“Havia dois convites sobre a minha mesa”) e futuros (“Haverá dois convites sobre a minha mesa”). Isso não se aplica, contudo, ao “haver” com função de verbo auxiliar. Nesse caso, a concordância deve ser feita com o sujeito da oração. Exemplo: “Os rapazes haviam estudado a semana inteira”.

Formas corretas: Houve muitas festas no fim de semana passado. Haverá muitas festas no próximo fim de semana. Havia muitas festas programadas para o fim de semana.

Formas incorretas: Houveram muitas festas no fim de semana passado. Haverão muitas festas no próximo fim de semana. Haviam muitas festas programadas para o fim de semana.

---

Fonte: Denise de Barros Weiss, doutora em Letras e professora da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

## Quem, o que, aquele que?

Quando se tratar de pronome relativo, é imprescindível para efeito de análise separá-lo em seus dois pronomes equivalentes, “o que”, “aquele que”. Essa divisão

indica que o verbo deve ficar no singular, qualquer que seja a pessoa e o número do sujeito da oração principal. Ex.: Somos nós quem paga (Somos nós aquele que paga). Sou eu quem vai (Sou aquele que vai). Quem paga sou eu (Aquele que paga sou eu). Fui eu quem abriu essa polêmica. Eu e V.Excia. somos quem vende. Fui eu quem o deu. És tu quem favorece a minha resolução. Fôssemos nós quem fizesse isso.

E assim: Sou eu quem primeiro vai tirar isso a limpo. És tu quem lucra. Obrou diversas maldades. Foi eu quem o fez.

---

Fonte: ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 4. ed. 6. impr. São Paulo: Atica, 2008.

## Sobre o sujeito indeterminado

Sujeito indeterminado é aquele em que o verbo – sempre na terceira pessoa – não se refere a uma pessoa determinada, marcada nas frases anteriores ou posteriores, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento.

A língua portuguesa procede de três maneiras na construção de orações com sujeito indeterminado. Nesta edição, falaremos apenas daquela que trata do verbo na 3ª pessoa do plural sem referência a nenhum termo que, anterior ou seguinte, lhe sirva de sujeito.

Vejamos:

- » O chefe fala: Joaquim, como você não sabia que não poderia fazer isso? Nunca me disseram isso, responde ele.
- » O delegado de polícia pergunta ao escrivão: Onde puseram o sujeito?
- » Contaram-me, quando estudei este assunto, que não é fácil identificar o sujeito indeterminado.

Atenção: nem sempre um verbo que esteja na 3ª pessoa do plural tem sujeito indeterminado. Pode acontecer de o sujeito ser “eles/elas”. Somente o contexto sintático-semântico é que determina a classificação do sujeito de formas verbais na 3ª pessoa do plural. Exemplo: Muitos populares participaram do enterro de Hebe Camargo, cheios de emoção. Nem o cordão de isolamento impediu que avançassem em direção ao jazigo. Quem avançou? Eles. Quem é eles? Muitos populares.

---

Fonte: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_2/1299-1317.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1299-1317.pdf)

## Ainda sobre sujeito indeterminado

Nesta semana, trataremos do sujeito indeterminado em que ocorre “se”. Nessas orações, a classificação morfológica do “se” é índice de indeterminação do

sujeito. Como o próprio nome diz, serve para indeterminar o sujeito quando ocorre junto com verbos transitivos indiretos (aqueles em que é complemento precedido de preposição) ou com verbos intransitivos (aqueles em que não há complemento do verbo). Em ambos os casos, o verbo sempre fica no singular. Ex.: Precisa-se de muitos médicos na rede pública. Trata-se de descobertas importantes. Vive-se bem em Brasília.

## Sujeito subentendido

Sabendo que cada forma verbal tem uma terminação específica (conhecida como desinência) de acordo com a pessoa a que se refere, ou seja, “eu compro, tu pegas, ele embrulha, nós viajamos, vós rezais, eles compram”, sempre é possível saber qual é o sujeito da oração, mesmo que ele não esteja à vista. Assim, em “Maria comprou banana”, “Maria” é o sujeito. Em “Ela sempre embrulhava os presentes”, “ela” é o sujeito. Em “Festejamos seu aniversário”, o sujeito simples desinencial identificado pela análise da forma verbal é “nós”.

Então, o antigo sujeito oculto, atualmente conhecido como sujeito subentendido ou desinencial, é um tipo de sujeito simples que não é pronunciado, que não é visto na oração, mas que é perfeitamente marcado na forma verbal.

## Sobre o adjunto adverbial e o objeto indireto

É fácil confundir o objeto indireto e o adjunto adverbial – duas categorias sintáticas bem distintas –, pois ambos são construídos com preposição seguida, normalmente, de substantivo. Só que objeto indireto é termo essencial e adjunto adverbial é acessório. Para se determinar o objeto indireto e até mesmo o identificar na oração, deve-se indagar ao verbo se ele necessita de algum complemento preposicionado, ou seja, se o verbo rege algum termo preposicionado. É a clássica pergunta: Joana gosta de quem? De João, para a frase Joana gosta de João para sempre. Quanto Joana gosta? Para sempre. Esse complemento será:

- 1) Adjunto adverbial, se estiver expressando um significado adicional, como lugar, tempo, companhia, modo etc. Ex.: Ele sabia o assunto de cor, em que “de cor” é um adjunto adverbial de modo.
- 2) Objeto indireto, se estiver completando o sentido do verbo, sem acrescentar outra ideia à oração. Ex.: O João encarregou Pedro de corrigir a cartilha, em que “de corrigir” é um objeto indireto.

---

Fonte: BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

## Sobre adjunto adnominal

O termo sintático com esse nome estranho indica aquela palavra, locução ou oração que ocorre “junto, pegado, contíguo”, a um nome, ou seja, a um substantivo, que por ele é modificado, delimitado ou especificado em seu significado. Não tem exceções nem mistérios. Todas as palavras com ou sem preposição que surgirem após o substantivo funcionam como adjunto adnominal. Mas, atenção: desde que o núcleo seja um substantivo concreto. Ex.: Os cidadãos brasileiros revoltaram-se contra o lixo nas ruas.

O adjunto adnominal pode ser expresso por:

- » um adjetivo: O cachorro preto fugiu de casa.
- » uma locução adjetiva (preposição + substantivo): A janela da casa foi pintada.
- » artigo: A menina comprou umas balas.
- » pronome adjetivo: Minha mãe chegou ontem.
- » numeral: Encontrei três amigos na festa.
- » oração adjetiva: O rapaz que bebeu suco não parou de olhar para você.

## Complemento nominal ou adjunto adnominal?

Por que, às vezes, a confusão?

Para identificarmos com clareza é bom sabermos que:

- » O substantivo concreto pede adjunto adnominal: Assim, para entender melhor o assunto, comprei um livro de português.
- » O adjetivo e o advérbio pedem complemento nominal: Logo pensei: É algo digno de nota. Estava longe da meta.
- » Se a retirada do termo prejudicar ou mudar o sentido, será complemento nominal.

Então concluí: tenho sede de conhecimento. O assunto não se esgotou.

Fonte: AQUINO, Renato. **Dicionário de gramática**: português prático e acessível. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

## ... e continua o complemento nominal

O complemento nominal completa o sentido de um substantivo deverbal, cuja origem é um verbo transitivo direto, se existir valor passivo. Veja o exemplo seguinte:

- 1) Segundo a Coordenadoria de Comunicação Institucional, a produção de relatório foi acima do que se espe-

rava este ano. (substantivo deverbal – produção –; verbo de que se origina: produzir; o sentido de “a produção do relatório” é “relatório foi produzido”, sentido passivo).

O complemento nominal completa o sentido de substantivo deverbal, cuja origem é um verbo transitivo direto e indireto, se existir valor passivo. Veja o exemplo:

- 2) Uma mãe, após a visita à escola onde seu filho estuda: naquela escola há necessidade de orientações. (“de orientações” completa substantivo deverbal “necessidade”, do verbo “necessitar”, no sentido de “orientações são necessárias”).

O complemento nominal pode representar o alvo para o qual tende um movimento, um sentimento ou uma disposição expressa por um substantivo.

Observe dois exemplos que caracterizam a presença do complemento nominal:

- » A filha sempre teve o carinho do pai. (“pai” é o agente, quem dá carinho à filha; há, então, adjunto adnominal).
- » A filha sempre teve carinho ao pai. (“pai” é paciente, alvo do movimento do substantivo, o carinho da filha; há, então, complemento nominal).

Veja o anúncio:

“Aproveite o racionamento de energia.

À luz de velas, tudo fica mais romântico.”

Nesse texto, o alvo do racionamento é o termo de energia, classificado, portanto, como complemento nominal.

Disponível em: <[http://www.editorasaraiva.com.br/.../gramatica\\_8\\_complemento\\_nominal](http://www.editorasaraiva.com.br/.../gramatica_8_complemento_nominal)> Acesso em 26 de out. 2012, com alterações e adaptações.

## Comportamento do sujeito com verbos de ação e de estado

Além da classificação sintática dos verbos, como intransitivos, transitivos e de ligação, é possível classificá-los segundo critérios semânticos, que digam respeito ao significado que têm em certas orações. É pelo estudo do comportamento dos verbos na oração que se analisa a ocorrência da ação e da qualidade ou o modo de ser do sujeito; é o verbo que seleciona quem ou o quê pode ocorrer como sujeito ou como complemento. Ex.: o verbo engravidar só pode ter como sujeito um substantivo feminino e humano: Maria engravidou. Nunca ocorrerá “Paulo engravidou”. Isso não existe na língua portuguesa. Para os animais, existe ficar prenha.

Parte-se do princípio de que é necessário conhecer a predicação de cada verbo; se intransitivo, transitivo ou de ligação.

Os verbos transitivos e os intransitivos, também denominados verbos significativos ou plenos, possuem um significado

lexical e têm propriedade de seleção semântica e sintática, isto é, determinam o número e o tipo do complemento. Ex.: na oração “A pedra precisa de tratamento”, a noção de “ajuda, necessidade” que o verbo “precisar” carrega impede a relação entre tratamento e pedra. Somente algum contexto muito específico é que tornaria essa oração realidade na fala dos brasileiros.

O verbo “ir”, por exemplo, apresenta complementação, pois quem vai, vai a algum lugar, porém lugar é uma circunstância e não uma complementação, como pode parecer. Trata-se de um verbo intransitivo. Veja o exemplo: A seleção brasileira vai ao exterior para mais um amistoso.

Diferentemente, em “Quando entrei no elevador, observei uma mãe, com uma criança no colo, que comentava: – Minha filha cresce feliz”, ocorre um predicativo do sujeito (feliz) com verbo intransitivo (cresce).

Agora veja um exemplo de verbo de ligação: Os acusados andam preocupados (indica o estado em que eles se encontram).

Diferentemente, este exemplo, em que o mesmo verbo não é mais de ligação e, sim, intransitivo: O julgamento anda depressa (indica a ação de como prossegue o julgamento).

Fonte: COSTA, José Maria da. **Manual de redação profissional**. 3.ed. Campinas/SP: Millenium, 2007.

## O valor sintático do aposto

O aposto, dentro do grupo dos sintagmas nominais, é um substantivo ou uma expressão equivalente que modifica um nome (ou um pronome, ou uma palavra de natureza substantiva, como amanhã, hoje), podendo ser específico ou explicativo. Veja: “o rio Amazonas” e “Pedro II, imperador do Brasil”. No primeiro exemplo, o substantivo que funciona como aposto aplica-se diretamente ao nome e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico. No segundo, a função do aposto é explicar, dar um detalhe a mais sobre o substantivo a que se refere.

Mas não é só. O aposto especificativo algumas vezes vem introduzido pela preposição de, o que o aproxima do adjunto adnominal em que há locução. Veja os exemplos:

- » O retrato de Machado de Assis (complemento nominal);
- » O retrato da galeria (adjunto adnominal).
- » A categoria aposto explicativo pode apresentar valores secundários do tipo enumerativo (ex.: Duas coisas o encorajavam: a fé na religião e a confiança em si.); distributivo (ex.: Um no automobilismo, outro no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.); e circunstancial

(ex.: As estrelas, grandes olhos curiosos, espreitavam através da folhagem.).

Fonte: BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

## Ainda sobre adjuntos adverbiais

Lembremos que advérbio é um modificador do verbo, mas também pode modificar um adjetivo ou outro advérbio ou, ainda, toda a oração, como em “Felizmente vocês chegaram a tempo”.

Também há locuções adverbiais, formadas por preposição seguida de substantivo ou adjetivo ou advérbio. Ops, adjunto adnominal não é formado também por preposição seguida de substantivo? Sim! Como saber a diferença? Depende de quem está sendo modificado.

Em “A meia do Paulo é branca”, “do Paulo” modifica o substantivo “meia”, não? Então, temos um adjunto adnominal.

Em “Maria correu de costas”, “de costas” modifica o verbo “correu”, não? Então, temos um adjunto adverbial.

E quando há dois advérbios em -mente, um em seguida do outro? Deve-se escrever: “Lúcia corria rápida e fortemente”. Atenção que o “rápida” fica aparentemente no feminino, mas é a forma do advérbio sem o sufixo -mente. Se fosse

“Paulo correu rápida e fortemente”, daria no mesmo.

E “melhor” e “pior”? Também são advérbios. Então é correto dizer “Ele está melhor preparado”, já que haveria advérbio modificando adjetivo? Não! Com participípios na função de adjetivos, cabe apenas o comparativo regular. O correto é “Ele está mais bem preparado.”.

## Concordância verbal

Quando se trata de verbo, é muito difícil separar a forma (morfologia) da função (sintaxe). Talvez haja forma pura nas tabelas de conjugação verbal. Ao se tratar de aspecto verbal, por exemplo, forma, função e também significado (semântica) tornam-se indissociáveis. O tema desta semana é concordância verbal e a proposta é racionar sobre mecanismos morfossintáticos de concordância.

A regra geral de concordância verbal é esta: o verbo concorda com o núcleo do sujeito. À definição tradicional, incluiu-se a palavra “núcleo”, fundamental quando os sujeitos sintáticos são formados por mais de duas palavras. Só pode ser núcleo do sujeito sintático a palavra que seja substantivo ou esteja substantivada (ou seja, tenha um artigo ocorrendo à sua esquerda) sem preposição à esquerda desse substantivo.

Acha essa definição de núcleo do sujeito complicada? E essa história de sujeito preposicionado? Sabe onde isso se manifesta com firmeza? Na voz passiva. Só há voz passiva de verbo transitivo direto, não é? E por quê? Porque, como a preposição do verbo não pode desaparecer, se houvesse voz passiva de verbo transitivo indireto, haveria sujeito preposicionado. Exemplos:

- » “Maria gosta muito das crianças” – voz ativa.
- » “Das crianças são gostadas por Maria” – voz passiva hipotética inexistente em língua portuguesa.

Quer outro exemplo de vedação ao núcleo do sujeito preposicionado? Em orações como a clássica “Está na hora de a onça beber água”, deve-se separar a preposição do artigo para se garantir que a preposição não subordine o núcleo do sujeito. Outro exemplo: “O fato de o diretor estar presente garantiu a tranquilidade da conversa”.

Assim, considerando-se esses princípios e essa regra geral, em orações como “A maioria das pessoas não fez o relatório”, o verbo deve ficar no singular. Vamos raciocinar juntos:

- 1) Qual é o sujeito? “A maioria das pessoas”.
- 2) Quais palavras do sujeito são substantivos? “maioria” e “pessoas”.
- 3) Há preposição à esquerda de alguma delas? Sim, à esquerda de “pessoas”.

- 4) Então, o núcleo do sujeito é “maioria”.
- 5) O núcleo está no singular ou no plural? Singular.
- 6) Então, o verbo fica no singular.

Agora, outra situação que causa dúvida: quando há a palavra “que” empregada como pronome relativo. Exemplo: “As pessoas que participaram da reunião são estas”. Vamos raciocinar juntos:

- 1) Quantos e quais são os verbos do período? “participaram” e “são”.
- 2) Então, há dois núcleos do sujeito.
- 3) Qual é o sujeito de “são”? É um substantivo no plural.
- 4) Então, o sujeito de “são” é “pessoas”.
- 5) Qual é o sujeito de “participaram”? É um substantivo no plural. Poderia ser “pessoas”?
- 6) Seria, se não houvesse um “que” no meio do caminho...
- 7) Então, o sujeito de “participaram” é o pronome relativo “que” cujo antecedente é o substantivo “pessoas”, no plural.

Portanto, para confirmar a concordância de verbos cujo sujeito é um pronome relativo, é preciso saber qual é o antecedente desse pronome.

A intenção aqui é destacar que concordância verbal é um processo morfosintático-semântico bem amarrado na

estrutura da oração que se desenrola raciocinando-se em termos sintáticos. Não vale ficar adivinhando ou chutando, em tentativa e erro. Vale pensar sobre as palavras, sua forma e significado, e buscar quem combina com quem.

Por fim, nesta semana, o outro pronome relativo: “quem”. Aqui, não há controvérsia no padrão culto da nossa língua: verbo sempre deve ocorrer na terceira pessoa do singular, como no exemplo: “Não fui eu quem fez o bolo”. Você consegue explicar o motivo de ser mais frequente a forma “Não fui eu que fiz o bolo”?

Uma semana com concordâncias!

## Concordância verbal

Sabe quem faz do raciocínio sobre a estrutura sintática da oração seu ofício? O revisor de textos.

Apenas alguns lembretes pontuais:

- » quanto ao verbo “ter”: o acento circunflexo na forma da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo permanece: “A casa tem duas janelas. As janelas têm cortinas vermelhas”.
- » quanto ao verbo “vir”: também há acento na forma da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo: “Ele vem aqui. As crianças vêm sempre aqui”. Na 3ª pessoa do singular do futuro do sub-

juntivo, a forma é “vier”: “Quando você vier aqui, ficarei feliz”.

- » quanto ao verbo “pôr”: também permanece com acento, nada mudou. Na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo, use “puser”: “Quando você puser suas coisas nesta mesa, tenha cuidado”.

Uma semana feliz!

## Que venha a sintaxe!

Sintaxe, “do grego súntaksis, arranjo, disposição, organização; construção gramatical”. Em português do Brasil hodierno, sintaxe refere-se às palavras “tudo junto e misturado”. Não se trata mais de forma, como na morfologia, mas de função e, por isso mesmo, da relação entre uma palavra e outra, entre as duas e o verbo e de tudo isso com outro verbo, por exemplo.

Começemos com o poeta curitibano Paulo Leminski:

O ASSASSINO ERA O ESCRIBA

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.

Um pleonasma, o principal predicado da sua vida, regular como um paradigma da 1ª conjugação.

Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial, ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito assindético de nos torturar com um aposto.

Casou com uma regência.

Foi infeliz.

Era possessivo como um pronome.

E ela era bitransitiva.

Tentou ir para os EUA.

Não deu.

Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.

A interjeição do bigode declinava partículas expletivas,

conectivos e agentes da passiva, o tempo todo.

Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.

Viu como é possível duplo sentido na sintaxe? Viu como há alegria na sintaxe? Você já teve vontade de matar seu professor de análise sintática? Algum trauma de infância? Enquanto você se lembra de alguma coisa, ouça e veja uma interpretação desses versos na voz de Arnaldo Antunes [aqui](#).

Vamos começar do começo, bem do começo, e o propósito é usar menos terminologia técnica e mais lógica, tão objetiva quanto a matemática, para ajudar você a usar a sintaxe a seu favor, na construção de textos corretos, bem amarrados e efetivos.

A primeira distinção necessária é entre frase, oração e período. O elemento distintivo entre os três é o verbo. O verbo conjugado (não vale forma nominal). Se o verbo não está presente, há uma frase. Se o verbo está presente e ocorre uma única vez, há uma oração. Se o verbo está presente e ocorre duas ou mais vezes, há um período. É possível existir frase com uma palavra só – como “Fogo!”, proferida por alguém que vê um incêndio – e período curtinho – como a famosa frase de Júlio César: “Vim,

vi e venci”. O fundamental, nos três casos, é a construção de enunciado de sentido completo. Nem toda palavra isolada é uma frase. Depende do contexto. A extensão também não determina se há frase ou período. Essa é tarefa do verbo.

Portanto, como vamos tratar de sintaxe, interessa-nos a oração e o período.

Quer ouvir uma música com vários períodos não tão longos e boa para uma segunda-feira? **Eu não vou me adaptar.**

Uma semana sinestésica!

## Sujeito: o essencial que dizem inexistir...

*“Quem não gosta de samba bom sujeito não é /  
Ou é ruim da cabeça ou doente do pé”  
(Dorival Caymmi)*

Nesta semana, vamos tratar de sujeito. Sujeito, palavra que precisa ser bem definida, de tão polissêmica que é: pode ser substantivo com 12 acepções ou adjetivo, com 11, segundo o dicionário Houaiss. Não vamos tratar do sujeito que é ruim da cabeça ou doente do pé. Vamos tratar de sujeito gramatical, aquele termo da oração com o qual o verbo concorda.

Sujeito gramatical é um termo essencial da oração, o que significa que, se há oração, há um sujeito, mesmo que ele não seja expresso fonologicamente. A prova de que há sujeito é a flexão verbal.

A língua portuguesa é uma língua SVO. Como? É uma língua em que a ordem padrão dos termos da oração é sujeito-verbo-objeto. Isso facilita a vida, porque deve-se procurar o sujeito em algum lugar antes do verbo.

Pode ser núcleo do sujeito um substantivo ou uma palavra substantivada, como adjetivo, verbo e até advérbio. São os artigos os responsáveis pela substantivação. Sujeitos podem ser formados por uma só palavra ou muitas palavras. Por exemplo, em “O samba da minha terra deixa a gente mole”, o sujeito é formado por 5 palavras, o núcleo é um substantivo no singular – “samba” – e, por consequência, o verbo está no singular. Outro exemplo: “Eu nasci com o samba”; aqui, o sujeito tem uma palavra só – um pronome – e com ele o verbo concorda em número. Isto é fundamental: o verbo sempre concorda em número com o núcleo do sujeito.

O terceiro exemplo, a seguir, “e do danado do samba nunca me separei”, mostra que é possível outra ordem de termos da oração, e a identificação da função sintática de cada um deles depende das relações semânticas, de regência e sintáticas. Qual é o sujeito do verbo desse terceiro exemplo? A forma verbal indica que o sujeito é “eu”. Mas não há pronome “eu” no trecho. Tem-se um caso de sujeito presente (não está oculto!), não manifestado fonologicamente, marcado pela desinência verbal: é um sujeito desinencial.

Vamos à sistematização dos tipos de sujeito que a gramática normativa descreve:

- » sujeito simples: um único núcleo.
- » sujeito composto: mais de um núcleo.
- » sujeito desinencial (o que você chamava de oculto): não aparece na oração, mas é identificado pela forma verbal.
- » sujeito indeterminado: não aparece na frase, mas o verbo, que necessariamente está na terceira pessoa do plural, marca sua presença.

Quer ouvir Caymmi? Clique [aqui](#).

Quer ler uma abordagem discursiva sobre o sujeito (o nosso e o da música)? Clique [aqui](#).

Uma semana nada assujeitada!

## Complementos verbais

*“A tristeza vai transformar-se em alegria, /  
E o sol vai brilhar no céu de um novo dia”  
(Cartola)*

Nesta semana, vamo-nos colocar à esquerda do verbo. O assunto é transitividade verbal e complementos verbais.

Os verbos, na morfologia, têm conjugação. Na sintaxe, têm ou não **transitividade**. Se o verbo servir para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal e não trazer ideia nova ao sujeito, sendo apenas elo entre o sujeito e seu predicativo (um tipo de adjetivo), ele é um verbo de ligação, que ocorre em um

predicado nominal, como nos exemplos a seguir: “Eu sou tua sombra”, “Joana permaneceu calada”, “João estava cansado”.

A maioria dos verbos tem significado próprio, declara algo sobre o sujeito e ocorre em um predicado verbal. Às vezes, esses significados são absolutos, autocentrados, e os verbos não têm transitividade, ou seja, não precisam de outras palavras a lhes completar o sentido, como em “O sol vai brilhar”, “Os juízes chegaram”, “A criança sorriu”. Esses verbos são chamados de intransitivos. Já se a ação do verbo vai além dele e transita para outra palavra que lhe completa o sentido, tem-se um verbo transitivo. Se essa complementação ocorre na ausência de uma preposição, há um verbo transitivo direto e a palavra que lhe complementa é o objeto direto. Se há preposição, a **NGB** chama o verbo de transitivo indireto e o seu complemento de objeto indireto. Vamos aos exemplos:

- » A cozinheira aspirava o perfume do refogado (verbo “aspirava”, transitivo direto; “o perfume do refogado”, objeto direto).
- » Os presos aspiram à liberdade em pouco tempo (verbo “aspirar a”, transitivo indireto; “a liberdade”, objeto indireto).

Há também verbos cuja transitividade é mais complexa e são dois os complementos, como em “A tristeza transforma-se em alegria”. Discussão curiosa sobre a natureza desses complementos está na Gramática Escolar da Língua Portuguesa, de E. Bechara.

Para o assunto ficar mais interessante, ambos os objetos podem ser pleonásticos, ou seja, apesar da presença do objeto direto, há um pronome que o recupera: “As flores, via-as todos os dias”, em que “As flores” é o objeto direto e “as” é o objeto direto pleonástico.

Há também verbos cujo sentido se modifica a depender da transitividade, como “aspirar, assistir, visar”. Quando são empregados, é importante ter em mente o sentido pretendido e verificar se é necessária, ou não, a preposição. Quanto ao verbo “assistir”, apesar das mudanças linguísticas que vêm ocorrendo, ainda é de regra o emprego da preposição no sentido de “ver, presenciar”.

Saber isso tudo serve para o emprego correto da vírgula principalmente. Também serve para identificar a necessidade ou não de preposição, como no caso dos verbos cujo sentido se modifica de acordo com a transitividade. Serve também para saber se tem ou não preposição antes do pronome relativo.

Uma semana com muitos predicados!

## **Termos acessórios da oração: os detalhes que fazem toda a diferença**

Adjunto adnominal. Adjunto adverbial. Aposto. Vocativo. Essas palavras fazem você se lembrar de algo? Elas são os termos

técnicos que fazem referência ao assunto desta semana: aquelas funções sintáticas que não são obrigatórias para a macrossignificação da oração, mas que fazem toda a diferença para tornar individual e exclusivo um núcleo sintático.

Em uma oração, ao núcleo do sujeito podem-se acrescentar vários qualificadores, formados, em geral, por um adjetivo ou uma preposição mais adjetivo, um artigo, um numeral ou uma oração adjetiva. Exemplo: “Esta bela menina de tranças que tem seis anos chegou”. O núcleo é “menina”; há quatro qualificadores conhecidos como adjuntos adnominais. Um deles é uma oração adjetiva, por isso recebe outro nome diferente de adjunto adnominal.

Do outro lado da oração, considerando-se a ordem direta, o núcleo do predicado verbal – o verbo – também pode receber vários qualificadores, formados, em geral, por um advérbio, ou uma preposição mais advérbio ou uma oração adverbial, ou seja, por tudo que envolva advérbio. Exemplo: “Ela chegou rapidamente, no dia certo, quando combinamos”. Nesse exemplo, há três adjuntos adverbiais, sendo um deles uma oração iniciada por uma conjunção subordinativa.

Há também o aposto, termo que se junta a um substantivo para explicá-lo ou apreciá-lo. Normalmente, ocorre entre vírgulas e sem pronome relativo “que”, para se diferenciar das orações adjetivas.

E o vocativo? É um caso à parte, justamente porque não se relaciona diretamente com os outros termos da oração. Está à parte. É uma oração exclamativa que chama a pessoa com quem se fala, a segunda pessoa do discurso, para determinada oração. Sempre deve ocorrer seguido de vírgula.

Então, resumindo tudo, nas orações com predicado verbal, são núcleos o substantivo e o verbo; são acessórios artigos, pronomes, adjetivos, numerais e advérbios. As preposições servem para estabelecer relações. Se o predicado for nominal, o verbo é só de ligação e o núcleo é o predicativo do sujeito.

Muitos nomes e muitas funções são “Desenhos que a vida vai fazendo / Desbotam alguns, uns ficam iguais”. Vamos identificar as funções sintáticas existentes neste trecho enquanto você ouve a [música](#) toda?

Uma semana qualificada!

## Coordenação: orações independentes

Imagine-se em um campo de batalha romano. Os soldados estão arrumados, alinhados, um depois do outro. A palavra que nomeia essa arrumação vem do grego, *parátaksis*. Em língua portuguesa, a palavra é parataxe que se materializa na voz do general recém-chegado do campo de batalha: “Vim, vi e venci”.

Na análise sintática de orações e períodos, observa-se que as palavras organizam-se de duas formas diferentes: por parataxe e por hipotaxe, ou seja, respectivamente, por coordenação e subordinação. Os termos coordenados podem estar justapostos, separados na escrita por vírgula, ou ligados por conjunção coordenativa. Vamos aos exemplos:

- » “a casa ampla, arejada” – coordenação de “ampla” e “arejada” por justaposição.
- » “a casa e a sala foram pintadas” – coordenação de “casa” e “sala” com ligação pela conjunção “e”.
- » “vim, vi e venci” – coordenação entre “vim” e “vi” por justaposição e entre “vi” e “venci” pela conjunção “e”.

Então, no caso das orações coordenadas, a relação entre elas pode ser sem conjunção (assindética, sem conectivo) ou com conjunção (sindética, em que ocorre síndeto).

As orações coordenadas são independentes uma da outra, ou seja, não exercem função sintática uma na outra. Os elementos coordenados não modificam o outro, sem contribuição alguma de sentido. Os elementos coordenados são simétricos e, por isso, podem mudar de lugar no período sem alterar sua interpretação semântica. O núcleo de uma oração coordenada está nela mesma.

A gramática tradicional diz que há cinco tipos de orações sindéticas: aditiva, adversativa, alternativa, explicativa e conclusiva.

Esse é o assunto da próxima semana. Já adianto que, se você sempre se perguntou – e nunca se convenceu com a explicação – qual a diferença entre coordenada explicativa e subordinada causal, haverá uma surpresa. Por agora, comece por [aqui](#). E continue, se quiser, com a Nova Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba Castilho.

Quer se aprofundar? [Aqui](#) e [aqui](#) há sugestões de leitura.

Uma semana coordenada!

## Classificação de orações coordenadas

Nesta semana, continuamos a discussão sobre coordenação. Dissemos que a parataxe é uma forma de organização dos sintagmas em que os termos ocorrem lado a lado, sem que um exerça função sintática em relação ao outro. Para esta semana, como já foi anunciado, fica a classificação das orações coordenadas.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) diz que são cinco tipos de orações coordenadas: aditivas, adversativas, alternativas, explicativas e conclusivas. Foi assim que aprendemos na escola. E provavelmente até aqui. Mas, na língua, assim como na vida, há um vai e vem infinito, e as análises podem chegar a conclusões distintas da premissa original. Como a NGB apenas nomeia, sem definir,

há estudiosos que, após profunda análise, concluíram pela existência de três ou de dois tipos de orações coordenadas sindéticas, e não cinco.

Primeiro a unanimidade. Depois o contraditório. Por fim, a novidade.

É unânime que há aditivas e adversativas entre as orações coordenadas. São conjunções aditivas “e, nem”, que somam orações, sem ideia subsidiária. São conjunções adversativas “mas, porém, senão”, que contrapõem o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente. Importante é o destaque ao “mas” que, de advérbio latino, é empregado como marcador discursivo, conectivo textual, operador argumentativo, além de conjunção coordenativa, na língua portuguesa atual.

O contraditório refere-se às coordenadas alternativas, em que o conteúdo de uma oração é contraposto ao de outra e um deles é excluído, ou seja, se um se realizar, o outro não se cumprirá. Há autores que dizem que ocorrem em orações correlatas, ou seja, não ocorrem em orações coordenadas.

A novidade envolve as orações explicativas e as conclusivas. Tanto Bechara (gramático tradicional) quando Castilho (linguista moderno) concordam que ambas não existem. O gramático justifica sua escolha pela “lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa” e afirma que há advérbios que marcam relações textuais, sem

função de conector. O linguista agrupa-as com as subordinadas. Assim, a distinção mui famosa entre explicativa e causal – muito discutida [aqui](#) e [aqui](#) – não existe. Um exemplo que escancara essa questão, retirado de Castilho:

- » A rua está molhada porque choveu. – oração causal, na ordem direta.
- » Choveu, porque a rua está molhada. – seria uma oração explicativa? A ordem mudaria a classificação?

Para estudar mais sobre isso, há a Moderna Gramática Portuguesa, de Bechara, e a Nova Gramática do Português Brasileiro, de Castilho. E um artigo, ainda da fase de transição teórica, de [Travaglia](#).

Uma semana sem sustos!

## Subordinação: uma relação desnivelada

Nesta semana, o assunto é o par dicotômico da coordenação: a subordinação. Subordinação é uma forma de organização de unidades linguísticas em que os termos não estão no mesmo nível, embora permaneçam ligados fortemente. Assim, em uma oração como “A menina de tranças chegou agora”, há adjuntos adnominais – “A” e “de tranças” – que modificam o núcleo “menina”, com ele concordam e a ele se subordinam. Quando a subordinação

envolve orações, há orações subordinadas que podem ocorrer no lugar de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio. A depender da ocorrência, há a respectiva classificação.

Vamos aos exemplos; tente seguir o raciocínio em cada um deles:

- » A menina disse que viria. – o que a menina disse? “que viria”. Então, “que viria” é o complemento da forma verbal “disse”. Só que esse complemento é uma oração. Então, “que viria” é uma oração (porque tem verbo conjugado) subordinada (porque exerce função sintática) substantiva (porque está no lugar de um substantivo) objetiva direta (porque completa o sentido do verbo sem a ocorrência de uma preposição).
- » A menina que está aqui é a escolhida. – qual é a escolhida? A “que está aqui”. Então, “que está aqui” qualifica “menina”. Só que esse adjunto é uma oração. Então, “que está aqui” é uma oração subordinada adjetiva (porque está na função de adjetivo) restritiva (porque separa uma menina do grupo – só há uma única que foi a escolhida).
- » A menina participou do jogo quando estava sol. – quando a menina participou do jogo? “quando estava sol”. Essa circunstância está expressa em uma oração. Então, “quando estava sol” é uma oração subordinada adverbial

(porque exerce a função de modificador da oração) temporal (porque indica um instante de tempo).

O mesmo raciocínio feito nessas orações simples deve ser feito na análise das orações da vida real, dessas que você escreve e lê no dia a dia do trabalho e dos concursos.

Uma semana rapidinha!

## **Classificando as subordinadas: quando tudo se multiplica**

Nesta semana, continuamos no mundo das orações subordinadas, depois de termos passado pelo reino das coordenadas.

Há três tipos de orações subordinadas: as substantivas, as adjetivas e as adverbiais. Cada tipo subdivide-se, ora com classificação principalmente sintática – as substantivas –, ora com classificação também semântica – as adjetivas e as adverbiais.

As orações subordinadas substantivas podem ser: subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Todas elas são introduzidas por uma conjunção integrante: “que” (em 90% dos casos) e “se”.

As orações subordinadas adjetivas são de dois tipos, e a distinção entre elas é de base semântica, marcada, na escrita, pela

presença ou ausência de vírgulas, já que a configuração sintática é a mesma. As explicativas – como tudo que é explicativo em língua portuguesa – ocorrem entre vírgulas. As restritivas, para restringirem o alvo do substantivo que modificam, ocorrem sem vírgula.

As orações subordinadas adverbiais – classificação sintática – são, sob critérios semânticos: causais, consecutivas, condicionais, concessivas, comparativas, conformativas, finais, proporcionais e temporais. A respectiva classificação semântica depende da conjunção que a introduz. Quando tratamos de conjunções, demos um exemplo para cada uma delas. Normalmente, são precedidas de vírgula. Muitas vezes, ocorrem antepostas à oração principal.

Para encerrar a multiplicação de classificação, vale dizer que a cada oração desenvolvida (ou seja, com conjunção e forma verbal) pode corresponder uma oração reduzida (com preposição e forma nominal).

Para que serve essa classificação toda? Depende do seu objetivo. Depende de onde você está. Uma coisa é constante: saber a diferença entre uma oração substantiva ou adverbial vai ajudar você a pontuar corretamente seu texto escrito, por exemplo. E é no mundo da pontuação o desembarque da próxima semana.

Uma semana alto astral!

## O mesmo grafema, várias funções

*"Preciso pegar minhas coisas e partir.  
Viajar, esquecer, talvez amar."  
(Caio Fernando Abreu)*

Nesta última coluna com “matéria” do Dicas de Português de 2013, é hora de fazer economia. Ou de ver que nossa língua, que não tem casos como o latim, o grego ou o alemão, faz que o mesmo grafema, sem diferença nenhuma, tenha funções sintáticas tão distintas. Vamos ver dois grafemas: “a” e “que”. Grafema é o termo técnico que faz referência às letras empregadas na escrita de uma palavra, por oposição a fonema, que, como já vimos, refere-se ao som: ao mesmo fonema podem corresponder vários grafemas. O grafema “a”, a depender do lugar de ocorrência na oração, pode classificar-se como artigo, preposição ou pronome. Em “A menina a convidou à festa”, temos um artigo antes de “menina”, um pronome antes de “convidou” e uma preposição fundida com um artigo antes de “festa”. O “a” que ocorre à esquerda de um substantivo é um artigo; o que ocorre à esquerda de uma forma verbal é um pronome; o que ocorre à esquerda de um verbo no infinito é uma preposição; o que ocorre à direita da forma verbal ou é um pronome, que necessariamente está ligado a ela por hífen, ou é uma preposição regida pela forma verbal.

O grafema “que” tem umas 13 classificações diferentes, ao se considerar a subdivisão semântica das conjunções subordinativas. Fiquemos com duas delas. A primeira a se identificar é o “que” como pronome relativo, quando ocorre em orações adjetivas, tanto explicativas quanto restritivas. Em “A menina que está aqui trouxe presente”, o pronome (porque substitui um nome, no caso, “menina”) relativo (porque se refere a algo e a este se relaciona) está presente.

A segunda a se classificar é como conjunção integrante: aqui, o “que” introduz um complemento oracional com função de substantivo. Em “Ela disse que está feliz”, “Eu não esqueço de que você virá”, “A necessidade de que beba leite é vital para ele”, temos exemplos de ocorrência de conjunção integrante introduzindo orações subordinadas substantivas. Agora algo muito importante: se você for procurar “funções do que” em qualquer buscador da Internet, em muitas das páginas indicadas, estará um erro: o uso do “que” como preposição em contexto exclusivo como em “Eu tenho que estudar isso”. Esse não é um uso abonado pelas gramáticas normativas. O certo, nesse contexto, é o uso da preposição “de”. Preposição e Conjunção são classes de palavra muito semelhantes e o principal traço distintivo é justamente o emprego em contextos diferentes. Não se misturam. Então, “que” é pronome, conjunção e até substantivo. Mas só. Que essa semana seja intensa!

## Concordância de pronomes

É hora de descrever alguns usos dos pronomes.

Pronomes são palavras que substituem um nome e a eles fazem referência. Subdividem-se em: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos. E também há os pronomes de tratamento, ou seja, palavras e expressões que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como “Vossa Excelência”, mas também “você, senhor”.

Quanto à concordância, os pronomes de tratamento são empregados com verbo na terceira pessoa: “Vossa Excelência faria isso?” ou “Vossa Santidade gostou do Rio de Janeiro?”. Quando nos dirigimos a alguma autoridade usando o pronome de tratamento a ela atribuído pelo uso, devemos dizer: “Vossa Majestade, Vossa Alteza”. Se algum dia fizermos referência a ela pelo pronome, devemos dizer: “Sua Excelência, o ministro, está muito cansado e não atenderá você”.

Quando há um adjetivo a qualificar a autoridade, a concordância se dá com a autoridade: “Vossa Alteza está cansada, Vossa Reverência está cansado”.

Mudando para os pronomes pessoais, o uso da língua portuguesa padrão indica que:

» depois de “entre” usa-se “mim”: “Esse assunto foi muito discutido entre a equipe e mim” ou “Não há segredos entre você e mim”.

» em uma enumeração, “eu” vem por último: “Maria, Joana e eu participaremos disso”, “Todas as pessoas e eu estamos prontos”.

Há, na nossa língua, o plural de modéstia, como o empregamos para escrever esta coluna, aquele que serve para dar a impressão de que as ideias expostas são compartilhadas pelos leitores. Há também o plural de majestade, quando o “nós” é empregado como símbolo de grandeza e poder: “Nós, Dom Fernando, Rei de Portugal, fazemos saber...”. Não são só os reis de antigamente que falam assim...

Importante lembrar que, apesar de frequente na fala de brasileiros, na escrita, em qualquer nível, é inadequado o uso de “ele, ela” como objeto direto: “As pessoas avisaram ele sobre isso”. E também em falas mais formais.

Por fim, ainda quanto ao emprego dos pronomes, os átonos às vezes precisam se modificar se estiverem enclíticos: “avisaram-na, buscamos-lo, buscá-la, substituí-lo, vendê-los, pô-lo”.

Uma semana profícu!

## Explicação, restrição e numeração: emprego de vírgulas e de numerais

Nesta semana, o assunto é emprego de vírgula e de numerais.

Os usos da vírgula foram descritos ano passado, tais como a gramática normativa os apresenta, neste texto. Agora, cabe reforçar a ideia de explicação e de restrição. A explicação serve para dizer algo mais sobre alguma coisa que já está perfeita e inequivocamente determinada: “O atual presidente do CNJ, ministro Joaquim Barbosa, abriu a audiência.” O trecho entre vírgulas identifica exatamente a pessoa a que se fez referência em “O atual presidente do CNJ”. A restrição serve para distinguir um entre vários com as mesmas características: “O conselheiro Guilherme Calmon participou da sessão do CNJ.”. Como o CNJ tem mais de um conselheiro, fazem-se necessárias a restrição e a consequente ausência de vírgula. Na atual composição, a ideia de restrição também se aplica às conselheiras.

No caso das portarias, como a numeração é reiniciada a cada ano, a data restringe a abrangência do número. Então, não se usa vírgula depois do número: “Portaria 405 de 19 de novembro de 2013”.

No caso das resoluções, como a numeração é sequencial e não se repete desde a primeira, a vírgula separa a explicação, a informação a mais que a data traz, já que a resolução 185 e a resolução de 18/12/2013 são o mesmo texto.

Então, resumindo, para todos os atos administrativos: se há reinício de numeração, sem vírgula entre o número e a data; se a numeração é contínua, vírgula entre o número do documento e a data. A ideia de restrição e de explicação não vale só nesse contexto, mas em todos e em qualquer texto.

Mudando de assunto para os numerais, usados tanto nas portarias quanto nas resoluções, cabe lembrar que:

- » a abreviatura de número é “n ponto”: “n.” Há outras possíveis, mas esta é a adotada pelo CNJ.
- » os artigos são numerados com números ordinais até o 9º e depois com os cardinais: Art. 1º, Art. 2º, Art. 3º, ... Art. 9º, Art. 10.
- » a grafia de ordinais é necessariamente com ponto e bolinha (1.º) ou com bolinha com traço embaixo (1<sup>o</sup>) após o algarismo. Apenas a bolinha indica grau e não cabe com ordinais, mas com temperatura.

Uma semana ordenada!

## **Tendências à próclise: pontuação e vocativo**

Nesta semana, vamos estudar alguns detalhes referentes à colocação pronominal e à pontuação.

Assim, você já sabe que os pronomes átonos precisam de apoio tônico de um verbo, por exemplo, para que não desapareçam na cadeia na fala. Esse apoio dá-se com a ênclise, colocação que é o padrão na nossa língua. Só em Portugal.

Aqui no Brasil, a pronúncia é muito diferente da pronúncia em Portugal. Muitas vezes torna-se difícil compreender o que os portugueses falam. Um dos motivos é a tendência que há aqui de pronunciar abertamente as vogais, o que as pode tornar tônicas. Além disso, estudos mostram que, à época do Descobrimento, Cabral e seus contemporâneos empregavam os pronomes principalmente em próclise, registro esse que criou raízes no Brasil e que – também por todo o processo de colonização – provoca diferenças entre cá e lá especialmente quanto à sintaxe de colocação. Houve evoluções distintas da mesma língua que a tornaram quase duas línguas diferentes.

Para ilustrar, vejamos o seguinte: paletó e gravata fazem parte da rotina no Judiciário, mas a gravata do dia a dia não é a

mesma usada na reunião extraordinária na SG ou em um casamento, não é verdade? Igualmente, embora a próclise seja aceita em muitos contextos (como nas matérias da Agência CNJ de Notícias), em outros, como Atas, Resoluções, Portarias, Relatórios, torna-se inadequada. Isso tem a ver com o grau de formalidade que se quer dar ao texto ou que ele exige.

Então, cabe dizer “Eu quero-lhe falar / Eu lhe quero falar / Eu quero falar-lhe”. Qual é a menos formal? Qual é a mais formal? Nessa batalha linguística que estamos vivendo, o mais importante é associar correção à adequação, com vistas a construir texto efetivo e correto.

Fundamental: não se começa oração com pronome átono em textos escritos reais, na vida escolar e profissional, fora do celular: “Ensinei-a o caminho / Ela estava triste; buscou-me assim mesmo”. Descumprir essa regra é tão inadequado quanto vir trabalhar com a gravata do Mickey, por exemplo.

Quanto ao vocativo, sempre é separado por vírgula, independentemente do lugar em que ocorra na oração: “Atenção, pessoal! / Diga, Thiago, onde está? / Gente, vamos prestar atenção!” Assim, nos atos administrativos, sempre há vírgula depois do vocativo.

Uma semana excelente!

## Regência verbal: lista de consulta rápida

Nesta semana, a ideia é pôr à disposição lista com alguns verbos e a respectiva regência. Lembremos que regência é a relação de dependência entre termos; no caso específico desta semana, entre um verbo transitivo e uma preposição, a qual não só introduz o termo que lhe completa o significado como pode mudar-lhe o significado. Assim, o verbo “assistir” significa “ajudar”, se ocorrer sem preposição (“O médico assiste o doente”); “estar presente”, com a preposição “a” (“João assiste ao espetáculo”); e “morar”, com a preposição “em” (“O Papa assiste em Roma”). E essa diversidade de significados é o que mantém a necessidade da regência com preposição “a” para o significado de “ver, presenciar”, apesar da ausência frequente dela nas falas informais.

Para consultar como referência, há os dicionários de regência, tanto de Celso Luft quanto de Francisco Fernandes, e também as gramáticas normativas tradicionais – como a de Bechara, Celso Cunha e Napoleão –, que reservam páginas para tratar desse assunto. Na internet, [aqui](#) e [aqui](#) estão listas de verbos e informações sobre regência.

Vamos à lista:

### 1) Chamar

- » “fazer vir, convocar” – sem preposição: “Chamei-o para uma conversa”
- » “invocar” – com preposição: “Os fiéis chamaram por Deus”
- » “apelidar” – sem preposição: “Chamaram-no baixinho”

### 2) Esquecer

- » “sair da lembrança” – com preposição e pronome: “Esqueceu-se de tudo” OU sem preposição e sem pronome: “Esqueceu tudo”. Não pode haver cruzamento dessas possibilidades.

### 3) Implicar

- » “acarretar” – sem preposição: “A resolução implicará mudanças aqui”

### 4) Importar

- » “trazer, ter com consequência” – sem preposição: “As ideias importavam a realização da festa”
- » “atingir o total de” – com preposição “em”: “As despesas importam em 100 mil reais”
- » “dizer respeito, interessar” – com preposição “com”: “Não me importo com isso”

### 5) Obedecer

- » “submeter-se à vontade de alguém” – com preposição: “Nós obedecemos às regras”

6) Presidir

- » “ocupar a presidência” – com ou sem preposição “a”: “Presidir ao CNJ” ou “Presidir o CNJ”

Uma semana de renovação!

## Voz passiva: quando o sujeito está à esquerda

O assunto desta semana é um brasileiro sintático: ausência de concordância na voz passiva.

Sobre concordância verbal, propusemos um raciocínio que serviria para identificar o sujeito e seu número e, assim, flexionar o verbo corretamente.

Retomemos: há duas vozes verbais catalogadas nas gramáticas normativas tradicionais: a ativa, em que o sujeito faz a ação exercida pelo verbo; e a passiva, em que o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo. (Essas definições são muito tradicionais e suas limitações não serão expostas agora.) E há dois tipos de voz passiva: a analítica, formada pelo verbo “ser” seguido do verbo no participípio; e a sintética, formada por “se”, aqui conhecido como partícula apassivadora. Nem todos os verbos têm voz passiva, mas apenas os verbos cujo complemento não é precedido por preposição, ou seja, os verbos transitivos diretos.

Assim, da voz ativa “Maria vendeu a casa”, tem-se “A casa foi vendida por Maria” e “Vendeu-se a casa”. Além das diferenças estruturais entre ambas as formas de voz passiva, há diferença pragmática: na primeira, ainda se conta quem é o agente, apesar de não ser tão relevante; na segunda, o agente é tão irrelevante que é omitido.

E agora o mais complicado: na voz passiva sintética, o verbo concorda com o sujeito sintático, que está posposto, à esquerda quase sempre. Normalmente, a concordância correta só é feita com a releitura do texto e a revisão do que já foi escrito.

Como estamos diante de um brasileiro sintático, ocorre o seguinte: no Brasil, na maior parte das ocorrências de voz passiva sintética com sujeito no plural, não há concordância verbal. O verbo fica no singular e o sujeito, no plural. Mas, mesmo com frequência alta desse uso genuinamente brasileiro, nos seus textos da vida profissional, vale a regra tradicional portuguesa. Fique de olhos abertos e raciocínio ligado! E não suma com o “se”, como em “Naquele dia vendeu a casa” no lugar de “Naquele dia se vendeu a casa”. Percebe a mudança de sentido entre as duas orações?

Por agora, basta não esquecer que só há voz passiva com verbo transitivo direto.

Uma semana ativa!

## Preposição e pronome relativo: uma combinação sofisticada

Nesta semana, o foco volta-se para uma estrutura sintática bem sofisticada: oração relativa precedida por preposição. O que é isso?

De duas orações 1 e 2,

- 1) A casa de Maria é branca.
- 2) A casa de Maria foi destruída no incêndio.,

é possível formar uma só, 3:

- 3) A casa de Maria que é branca foi destruída no incêndio.

A oração 3 é formada com a inclusão do pronome relativo “que”. As crianças, conforme vão ampliando o repertório linguístico, passam a incluir nele essas estruturas complexas que evitam, por exemplo, repetição de palavras.

Então, de 4 e 5,

- 4) João referiu-se a esse assunto.
- 5) O assunto é muito importante.,

é possível formar 6:

- 6) O assunto a que João fez referência é muito importante.

Você viu a preposição “a” antes do pronome relativo “que”? De onde veio? Da regência da forma verbal “referiu-se”. Essa prepo-

sição é obrigatória e é o assunto desta semana!

Reconhecer a obrigatoriedade dessa preposição é um dos últimos estágios do processo de apropriação da língua portuguesa padrão. Exige treino e percepção linguística. Vamos a outros exemplos:

- a) O assunto **de que** trataremos na reunião é delicado.
- b) O programa de TV **a que** assisti foi incrível.
- c) Os pratos **de que** mais gosto são fricassê e lasanha.
- d) As perguntas **a que** respondi foram bem formuladas.

Veja que, para haver preposição antes do pronome relativo, necessariamente deve haver um verbo transitivo indireto na oração relativa, também conhecida como oração adjetiva. A preposição é exatamente a mesma regida pelo verbo.

Como você faz para se apropriar dessa estrutura linguística complexa? Treina para encontrar as orações adjetivas; nelas, os verbos; dos verbos, a transitividade e a regência. E aí é só conferir se a preposição está no lugar dela: antes do pronome relativo. Vamos fazer isso com a oração “As perguntas a que respondi foram bem formuladas”:

- » oração adjetiva: “a que respondi”;
- » verbo: “responder”;

» transitividade: indireta, rege preposição “a”.

Uma semana com muitos gols!

## Concordância verbal: só os casos particulares

Sobre concordância verbal, já conversamos, mas apenas no âmbito da regularidade. Você já sabe que o verbo concorda em número com o núcleo do sujeito: se o núcleo está no singular, como em “Maria comprou batatas”, o verbo fica no singular; se o núcleo está no plural, como em “As crianças ganharam presentes”, o verbo fica no plural. Depois das irregularidades dos verbos, vistas na semana passada, o assunto desta semana são os casos particulares de concordância verbal, aqueles que impedem o bom andamento do texto. Vamos a eles, segundo a gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra:

- 1) “parte de, uma porção de, o resto de, a metade de” + substantivo ou pronome no plural: o verbo fica no singular ou no plural. Ex.: “O resto das folhas ficaram no chão”; “Uma porção de peixes foi apreendida”.
- 2) “cerca de, mais de, menos de” + número no plural: o verbo fica no plural. Ex.: “Cerca de 50 pessoas estiveram presentes”; “Menos de dois quilos de farinha estão no saco”.
- 3) “um dos que”: o verbo fica no plural. Ex.: “Ele é um dos que participaram da festa”; “João é um dos que compraram a rifa”.
- 4) “quem”: o verbo fica na 3ª pessoa do singular. Ex.: “Tu és quem traz os bolos”.
- 5) substantivo com plural aparente: o verbo fica no singular, se não houver artigo, e fica no plural, se houver artigo. Ex.: “Vassouras, no estado do Rio de Janeiro, está em festa!”; “Os Estados Unidos participaram da ofensiva”.
- 6) “nem, ou”: quando o sujeito composto é ligado por “nem” ou “ou”, o verbo fica no singular ou no plural, a depender de o fato expresso pelo verbo poder ser atribuído a todos os sujeitos. Ex.: “Nem você nem ele fez isso”; “Nem o sol nem a chuva podem destruir a casa”; “Ou a casa ou o carro seriam vendidos”; “Ou Maria ou João é o responsável por isso”.
- 7) “um/outro”, nem um/nem outro”: o verbo fica no singular. Ex.: “Um ou outro menino participava da festa”; “Nem um nem outro idealizou o encontro”.
- 8) “com”: quando os sujeitos são ligados por “com”, o verbo fica no plural ou no singular, para marcar hierarquia. Ex.: O papa e os cardeais participaram do

consistório”; “A viúva, com o resto da família, mudou-se”.

- 9) “como, assim como, bem como”: o número do verbo depende da inter-pontuação, o que muda também a pontuação. Ex.: “O dinheiro, bem como a carteira, foi encontrado”; “Maria assim como João estiveram lá”.

Uma semana com concórdia!

## Crase: fenômeno fonológico

O assunto desta semana é o fenômeno fonológico conhecido por “crase”.

Primeiro esclarecimento: a crase não está restrita ao encontro da preposição “a” com o artigo definido feminino singular ou plural “a/as”. Ela nasceu na poesia e ocorre em versos como estes, de Olavo Bilac: “Tinhas a alma de sonhos povoada”, em que há crase em “a alma”, quando os dois “as” se fundem na declamação desse verso. Crase é, portanto, fusão.

Segundo esclarecimento: preposições combinam-se ou contraem-se com artigos. Assim, “em + o = no”; “de + a = da”; “per + o = pelo”; “a + a = à”; “a + o = ao”.

Terceiro esclarecimento: só ocorre acento grave – este é o nome do acento que marca a crase fora da poesia – necessariamente

na presença da preposição “a” regida por um verbo, ou substantivo ou adjetivo ou em locução adverbial seguida imediatamente por uma palavra que possa ser usada com um artigo definido singular ou plural. Essa é a regra geral, que serve para quase todos os casos que ocorrem no nosso dia a dia.

Assim, está correto o emprego do acento grave nos exemplos a seguir:

- » Vou à feira. (preposição + substantivo feminino)
- » Assistimos à novela. (preposição + substantivo feminino)
- » Este assunto está relacionado às mulheres casadas. (adjetivo + preposição + substantivo)
- » O carro estava à distância de 50 metros. (locução adverbial)
- » Chegamos àquela cidade. (preposição + pronome demonstrativo que começa com “a”)
- » Envie à sua casa o cartão. (preposição + artigo + pronome possessivo)

Está errado o uso em:

- » Pagamento a prazo (palavra masculina)
- » Propor-se a pagar (verbo)
- » Dar a ele/ela (pronome pessoal)
- » Assistir a isso (pronome demonstrativo)

Uma semana de conquistas!

## Concordância e regência nominal: tudo precisa combinar

O assunto desta semana envolve nomes (substantivos e adjetivos) e se dirige para a regência e a concordância.

Regência significa comando, direção, governo; no âmbito da gramática, regência faz referência à subordinação que existe entre os termos da oração. Substantivos regem artigos, numerais, pronomes adjetivos e adjetivos e estabelecem com eles relações de flexão de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural).

Alguns nomes exigem um tipo de complementação de sentido, absolutamente necessária; daí surge a regência nominal, por vezes tão variada que há dicionários específicos de regência nominal, como o de Celso Pedro Luft. Neste dicionário, aprendemos que o adjetivo “agradecido” tem dois complementos regidos pela preposição “a” e “por”; que o substantivo “trama” rege “contra” e “para”; que “prevalência” rege “sobre”; e por aí vai. Vale a consulta. Pena que não exista versão *on line*. Exemplos:

- » João estava **agradecido** à sua mãe **pelo** apoio.
- » A **trama contra** os funcionários deu certo.
- » A **prevalência** desse estudo **sobre** os outros explica muitas questões.

Concordância se dá quando as palavras que se relacionam por regência e se flexionam estão todas com o mesmo gênero e o mesmo número. Assim, em linhas gerais, um adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Exemplos:

- » **As meninas bonitas** chegaram.
- » **O rapaz bem arrumado** está ali no canto.

Complicações surgem quando há um adjetivo que se refere a mais de um substantivo. A regra geral é: o adjetivo, quando vem antes, concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo: “Vivia em **tranquilos bosques e montanhas**”.

Se o adjetivo vem depois dos substantivos, pode ser assim como nos exemplos a seguir, que reproduzem a regra aplicada com maior frequência.

- » Estudo **língua e literatura** portuguesa.
- » Estudo **o idioma e a literatura** portuguesa.
- » Estudo **as línguas e a civilização** ibéricas.
- » Estudo **os idiomas e as literaturas** ibéricas.
- » Estudo **os falares e a cultura** portuguesas.

Uma semana especial!

## Verbos modais: características dos verbos principais

Nesta semana, o assunto é verbo modal, verbos que atribuem certa característica ao verbo principal, como obrigação ou possibilidade.

Assim, verbos como “deve, precisar, ter de” indicam obrigação quando são usados como auxiliar, e também ordem ou simples necessidade. Já o verbo “poder” indica capacidade, permissão ou simples possibilidade.

Vamos aos exemplos:

- 1) Você deve trazer o material amanhã.
- 2) Você pode trazer o material amanhã?
- 3) Você tem de trazer o material amanhã.

É fácil perceber que cada uma delas tem uma força diferente, com implicações diferentes também na vida prática.

Ao ouvir uma oração com “deve”, aquilo que se diz será feito, porque a noção de obrigatoriedade é muito forte, embora possa ser amenizada, em alguns contextos, com o uso de “deveria”. Já quando se usa “pode”, sempre há liberdade de o interlocutor fazer ou não o que se pede, já que a ação depende da vontade. Por fim, quando, na oração, usa-se “tem de”, há mistura

entre obrigatoriedade de fazer ponderada pela possibilidade de escolha.

Portanto, escolher usar esses ou outros verbos modais não é trivial e do emprego adequado ao contexto obtém-se mais efetividade.

Se você gostou do assunto, [aqui](#) e [aqui](#) há informações mais aprofundadas.

Uma semana fantástica!

## Sintaxe de colocação: falando sobre ordem

Nesta semana, nosso assunto é sintaxe de colocação.

Em língua portuguesa, assim como nas demais línguas românicas, predomina a ordem direta, qual seja: Sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto + adjunto adverbial (nem todos são obrigatórios em todas as orações)

Ou

Sujeito + verbo + predicativo

Essa é a preferência. Mas a inversão da ordem direta é muito comum e, normalmente, sujeita às necessidades discursivas ou estilísticas, por exemplo, nas orações interrogativas, nas orações reduzidas, nas orações com voz passiva pronominal. No caso da voz passiva pronominal, o fato de o verbo vir anteposto ao sujeito acarreta frequentes problemas de concordância;

por exemplo “Buscou-se soluções rápidas” (ERRADO) no lugar de “Buscaram-se soluções rápidas” (CERTO).

Também é assunto da sintaxe de colocação o lugar onde o pronome átono fica em relação ao verbo: antes (próclise), no meio (mesóclise) ou depois (ênclise). Exemplos:

- » Eu me apresentei bem? (próclise de “me”)
- » Discutir-se-ão assuntos fundamentais. (mesóclise de “se”)
- » Casaram-se mês passado. (ênclise de “se”)

O local do adjunto adverbial também é relevante, porque pode provocar necessidades diferentes do uso da vírgula:

- » Ontem, nadei no rio.
- » Nadei no rio ontem.

Além do uso da vírgula com adjunto adverbial, o sentido da oração pode mudar de acordo com o local em que ele ocorre:

- » O diretor apenas comunicou a decisão. (só houve comunicação)
- » Apenas o diretor comunicou a decisão. (só o diretor fez a comunicação)
- » O diretor comunicou a decisão apenas. (nada além da decisão foi comunicado)

E, por fim, no caso de predicado nominal com o verbo “ser”, é a ordem das palavras que indica quem é o sujeito e quem é o predicativo:

- » A menina é argentina. (sujeito: “A menina”)

- » A argentina é uma menina. (sujeito: “A argentina”)

Assim, atenção ao lugar de cada palavra!

Uma semana bem colocada!

## **Gerundismo: vamos estar discutindo essa questão**

O gerúndio é uma das três formas nominais do verbo (as outras são o particípio e o infinitivo). Como verbo, o gerúndio indica uma ação simultânea a outra ação: “Não me ligue nessa hora, porque vou estar almoçando”. O uso do gerúndio em locuções verbais, como “vou estar verificando seu cadastro” é inadequado e, de tão frequente, recebeu um nome exclusivo: gerundismo.

Assim, frases como “Você precisa estar aguardando a chegada do boleto” não contribuem para a boa imagem que queremos passar para as pessoas com quem conversamos.

Circula pela internet texto de Ricardo Freire, o qual se tornou ícone dessa discussão. Começa assim:

Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando e possa estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o gerundismo. Você

pode também estar passando por fax, estar mandando pelo correio ou estar enviando pela Internet.

O importante é estar garantindo que a pessoa em questão vá estar recebendo esta mensagem, de modo que ela possa estar lendo e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como tudo o que ela costuma estar falando deve estar soando nos ouvidos de quem precisa estar escutando.

A versão integral você encontra [aqui](#).

E, como o espaço para o contraditório tem de ser garantido, [aqui](#) você lê considerações favoráveis a esse uso linguístico.

Uma semana maravilhosa!

## Programação do ano: começando a pontuar

*“A persistência é o caminho do êxito.”*  
Charles Chaplin

Começamos a programação de 2015 desta coluna neste mês de fevereiro.

Neste ano, a cada mês, teremos um assunto diferente: pontuação, concordâncias, regras da ABNT, questões vernáculas, orações, acentos e grafias, crase, colocações e regências. Esses temas serão associados a exercícios e desafios.

Se a escrita surgiu por volta do ano 4000 a.C., os sinais de pontuação apareceram centenas de milhares de anos depois,

tendo-se firmado apenas no século XVII. Surgiram com a intenção de direcionar a leitura de textos escritos que, com a prensa de Gutemberg, passaram a ser mais comuns. A segunda gramática de língua portuguesa, de João de Barros, publicada em 1540, distingue como sinais de pontuação: a coma, o colo, a verga, o parêntesis e a interrogação. De lá para cá, os outros sinais foram surgindo, sendo os mais recentes as reticências, o travessão e as aspas. Você lê mais sobre a história dos sinais de pontuação [aqui](#).

Vamos tratar dos sinais de pontuação cujo emprego gera menos dúvida:

- » Ponto de interrogação: usado no final da frase ou da oração para indicar uma pergunta direta, que se faz com entonação ascendente (aquela entonação característica de pergunta). Pode-se combinar com ponto de exclamação. Exemplos: “– Que vai fazer?”, “A mim?! Que ideia!”.
- » Ponto de exclamação: usado depois de interjeições, locuções ou frases exclamativas, expressando surpresa, espanto, piedade, súplica etc. Exemplos: “– Nunca! gemeu o enfermo.”; “Céus! Que injustiça!”.

E vamos treinar o emprego de vírgulas, cujo emprego gera alguma dúvida e é o assunto da semana que vem?

Pontue corretamente com vírgulas os textos que se seguem.

### Texto 1

“De longe por entre coqueiros surge uma mulher vestida de calça e capa de borracha negra dessas de marinheiro; na mão um cajado longo. Não ouvem o que ela grita devido ao vento mas sentem no bastão erguido um gesto de ameaça. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida os pescadores: velhos moços e meninos.” (Jorge Amado)

### Texto 2

“Durante o ciclo da borracha fora aquela legião de rapazes para os seringais. Poucos voltaram. O governo prometia mundos e fundos: terras hospitais ordenado médicos escolas. E no fim foi o que se viu: os desgraçados voltaram como antigamente. Roídos de beribéri de maleita magros e famintos. Dinheiro nem um tostão. E os arrebanhadores de gente ricos com casa na cidade.” (João Clímaco Bezerra)

Uma semana feliz!

## Vírgula: aqui, ali, em alguns lugares

*“O tempo é o melhor autor: sempre encontra um final perfeito.” Charles Chaplin*

Como apresentado na semana passada, cada mês deste ano terá um tema específico. O tema de fevereiro é pontuação.

Começamos, na semana passada, a tratar desse assunto e abordamos o uso do ponto de exclamação e do ponto de interrogação. Já anunciando o tema desta semana, deixamos dois textos sem vírgula, para que você os pontuasse corretamente. A seguir, a correção:

### Texto 1

“De longe, por entre coqueiros, surge uma mulher vestida de calça e capa de borracha negra, dessas de marinheiro; na mão, um cajado longo. Não ouvem o que ela grita devido ao vento, mas sentem, no bastão erguido, um gesto de ameaça. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida, os pescadores: velhos moços e meninos.” (Jorge Amado)

### Texto 2

“Durante o ciclo da borracha, fora aquela legião de rapazes para os seringais. Poucos voltaram. O governo prometia mundos e fundos: terras, hospitais, ordenado, médicos, escolas. E, no fim, foi o que se viu: os desgraçados voltaram como antigamente. Roídos de beribéri, de maleita, magros e famintos. Dinheiro, nem um tostão. E os arrebanhadores de gente, ricos com casa na cidade.” (João Clímaco Bezerra)

O uso da vírgula é tema que causa preocupação em muitas pessoas. Há quase 1 milhão de resultados no Google sobre vírgula! Nesta coluna, também, é tema que sempre se faz presente. Mas se é algo

tão estudado, como ainda não foi assimilado? Talvez seja porque a informação sobre esse tópico seja construída com listas de regras difíceis de compreender, ou porque se gasta muita energia com usos arcaicos... ou outro motivo... ou pela fama de poderosa que a vírgula tem... qual é o seu motivo?

Para saber usar a vírgula, uma dose de conhecimento sintático é fundamental: o básico mesmo. Afinal, se não se sabe o que é sujeito ou o que é predicado, de que adianta saber uma regra de não uso da vírgula que diz: não se separa por vírgula o sujeito do predicado? Ou também: usa-se vírgula no começo das orações coordenadas assindéticas adversativas. Sabe o que significa “não se separa” nesse contexto? Quer dizer que não pode ter uma vírgula entre o término do sujeito e o começo do predicado. Tudo no texto escrito, porque na fala a vírgula pode ser pausa.

Então, é importante saber que:

- a) vírgulas não separam termos essenciais da oração;
- b) vírgulas isolam termos explicativos;
- c) vírgulas marcam alteração da ordem canônica sujeito-verbo-objeto-circunstância.

Como essas três informações muito claras é possível raciocinar e acertar no uso da vírgula. Muito importante: vírgulas não marcam respiração!

Vamos lá!

Em “As meninas que estavam com vestido verde, foram as primeiras a chegar”, a vírgula separa termos essenciais, assim como em “O juiz proclamou também, a sentença do réu”. Então, os dois exemplos estão errados.

Em “João, que batizou o primo, foi assassinado por Herodes”, “As folhas, por exemplo, brancas e vermelhas ficam aqui”, “Mário, o moço que traz o pão, não veio hoje”, há exemplos de vírgulas que isolam termos explicativos, tudo certinho.

E a alteração da ordem canônica? Fica assim: “Na semana passada, viajamos”, “O remédio, eu o trouxe”, “Deve-se dar, a ele, a documentação”.

E o resto das ocorrências? Há duas que merecem destaque, por causa da frequência de ocorrência nos textos:

- a) vírgula antes do “e”: é certo usar vírgula apenas quando os sujeitos das orações ligadas por essa conjunção forem diferentes: “A menina fez o dever, e a amiga não”, “A menina fez o dever e arrumou a mala” está certo, porque os sujeitos são os mesmos.
- b) vírgula em dupla: em muitos casos, para o texto ficar certo, a vírgula precisa estar em par: “As crianças participarão dos jogos e, também, do acampamento”, “Verde e vermelho são, respectivamente, a cor da blusa

e a da calça”. Se tiver uma vírgula só nesse contexto, está errado.

Para encerrar, um exemplo do poder da vírgula:

#### O PODER DA VÍRGULA

Vírgula pode ser uma pausa... ou não.

*Não, espere.*

*Não espere.*

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode criar heróis.

*Isso só, ele resolve.*

*Isso só ele resolve.*

Ela pode ser a solução.

*Vamos perder, nada foi resolvido.*

*Vamos perder nada, foi resolvido.*

A vírgula muda uma opinião.

*Não queremos saber.*

*Não, queremos saber.*

A vírgula pode condenar ou salvar.

*Não tenha clemência!*

*Não, tenha clemência!*

#### SE O HOMEM SOUBESSE O VALOR QUE TEM A MULHER ANDARIA DE QUATRO À SUA PROCURA.

Se você for mulher, certamente colocou a vírgula depois de MULHER...

Se você for homem, colocou a vírgula depois da MULHER...

#### VIU? UMA VÍRGULA TEM PODER.

## Sinais de pontuação esquecidos: reticências, aspas, colchetes e travessão

*“Mais do que máquinas,  
precisamos de humanidade...  
Mais do que inteligência,  
precisamos de afeto e ternura”  
Charles Chaplin*

Nesta semana, trataremos de sinais que marcam a melodia, a entonação.

As reticências marcam interrupção na frase e suspensão na melodia. Marcam dúvida, surpresa, alegria, ideias incompletas. São muito usadas em textos literários. Em textos referenciais, aparecem entre colchetes para marcar supressão de trechos do texto original em citações: “Ouviram do Ipiranga [...] o brado heroico”.

As aspas são usadas no começo e no final de citações sem recuo, ou para acentuar o valor significativo de uma palavra, ou para marcar o significado de uma palavra ou em títulos de livros, quando o texto for manuscrito. Em textos digitais, o título fica em itálico. Em citações, o ponto-final pode ficar dentro ou fora das aspas. Fica dentro quando a citação começou com letra maiúscula e fica fora quando a citação começou com letra minúscula. Exemplos: As meninas estavam felizes “desde o começo dos tempos”. O poeta disse: “O poeta é um fingidor.”

Os colchetes são usados para inserção de palavras ou expressões em citações e também em referências bibliográficas, quando não se tem certeza da informação. Exemplos: “As pessoas [homens e mulheres] precisam participar do curso.”. MOURA, L. **Linda pessoa**. São Paulo: Ática, [1996?].

Os travessões são usados para isolar elementos explicativos e em diálogos. Importante saber que hífen (-) tem tamanho diferente de travessão (–). No teclado do computador, para fazer o travessão, em fontes que o distinguem, é só teclar Ctrl + o sinal de menos do teclado numérico.

Vamos exercitar?

- 1) Analise o fragmento extraído de um conto machadiano, intitulado – “Um apólogo”, pontuando-o de acordo com as regras preestabelecidas:

*Era uma vez uma agulha que disse a um novelo de linha*

*Por que está você com esse ar, toda cheia de si toda enrolada para fingir que vale alguma coisa neste mundo*

- 2) Explique a diferença de sentido em ambas as orações, levando em consideração os sinais de pontuação.

*Eleitor quer justificar seu voto.*

*Eleitor, quer justificar seu voto?*

- 3) (Fund. Carlos Chagas) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra corres-

pondente ao período de pontuação correta:

- a) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.
  - b) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.
  - c) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais análise.
  - d) Hoje eu daria o mesmo conselho menos doutrina e mais análise.
  - e) Hoje eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.
- 4) Atente-se para o enunciado abaixo, atribuindo-lhe a devida pontuação:

*Charles Darwin coletou muitos fósseis na viagem naquela época os fósseis eram considerados restos preservados de animais e vegetais há muito extintos a opinião aceita era que esses fósseis se formavam após uma grande catástrofe como o dilúvio que exterminava muitos seres vivos*

(PARKER, Steve. **Darwin e a evolução**. São Paulo: Scipione, 2002. p.11. Caminhos da Ciência)

- 5) Indique a frase em que o uso da vírgula está INCORRETO.
  - a) Sapos e pirlampos esquisitos, habitavam a floresta misteriosa.
  - b) Sujeito teimoso, Policarpo agora cismava em aprender medicina.
  - c) Chegaram os turistas felizes, falando pelos cotovelos, muito curiosos.

- d) Lá pras bandas de Santa Catarina, choveu durante 20 dias sem parar.
- e) Dr. Gilberto, renomado cardiologista carioca, cuidou do meu tio.
- 6) Empregue, de modo adequado, os sinais de pontuação (vírgula, travessão e dois-pontos) no seguinte trecho:
- ... Pierre no leme arribou para 330 graus. Vilfredo percebeu e alertou Pierre não esqueça o rumo é de 300 graus. Mas pai o barco está andando mais em 330 graus. (Família Schürmann; **Dez anos no mar**; p. 63)
- 7) A frase em que deveria haver uma vírgula é:
- a) Comi frutas e legumes.
- b) Comprei batatas bananas e pastéis.
- c) Ela tem lábios e nariz vermelhos.
- d) Não limpavam a sala.
- 8) Assinale a opção em que pontuação está INCORRETA.
- a) Falei com ele com tanta segurança, que nem discordou de mim.
- b) Porque falei com ela, para mim não há mais dúvidas.
- c) Falei com ela que eu, estaria aqui cedo hoje se tudo corresse bem.
- d) Falei ao chefe que, se o plano corresse bem, estaríamos salvos.

Uma semana feliz!

## Concordâncias: a arte de harmonizar

*“A amizade é uma predisposição recíproca que torna dois seres igualmente ciosos da felicidade um do outro.”*

Platão

O assunto é concordância. Assim, o foco volta-se para o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam nas suas flexões com as palavras dependentes. Assim, com o substantivo “batatas”, por exemplo, concorda o artigo definido plural “as” e, por exemplo, o adjetivo feminino plural “frescas”. Tudo isso faz “as batatas frescas”.

Há dois tipos de concordâncias:

- a) nominal: adjetivos, artigos, pronomes e numerais concordam em gênero e número com os substantivos determinados; e
- b) verbal: o verbo concorda com seu sujeito em número e pessoa.

Nesta semana, falaremos de concordância nominal.

- 1 Concordância de adjetivo na função de adjunto adnominal:
- a) o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere: “O alto ipê cobre-se de flores amarelas.”
- b) o adjetivo que se refere a mais de um substantivo concorda com

o mais próximo ou com ambos:  
“Esperava tios e tias maternas/  
maternos”, “Cheirava a **cal** e **barro fresco/frescos**”.

2 Concordância de adjetivo na função de predicativo

a) o adjetivo concorda em gênero e número com o sujeito: “A ciência sem consciência é desastrosa”, “O mar e o céu estavam serenos”, “O vale e a campanha são frescos”.

b) em orações com “é bom”, “é necessário” etc., o adjetivo fica no masculino singular, se não houver determinação: “É **preciso** muita **cautela**”, “É **bom água** de melissa”.

Se houver determinação, a concordância fica normal: “É **necessária a sua presença**”, “Foram **precisos os homens** que estavam na obra”.

### Vamos exercitar?

Escreva nos espaços os nomes que figuram entre parênteses, fazendo-os concordar corretamente:

- a) Pai e filha mantiveram-se \_\_\_\_\_ (calado)
- b) Você escolhe \_\_\_\_\_ lugar e hora (mau)
- c) Ela revelou um interesse uma solicitude mais que \_\_\_\_\_ (fraterno)
- d) O arbusto e as árvores haviam sido \_\_\_\_\_ pela queda do pinheiro (esmagado)

e) Vai \_\_\_\_\_ a lista de preços. (incluso)

f) É tempo, é paciência, é dinheiro \_\_\_\_\_ (perdido)

g) Não custa muito a gente elogiar-se a si \_\_\_\_\_ (mesmo)

h) Visitei os museus e as escolas \_\_\_\_\_ (recém-fundado)

i) Não se pode negar que Petrópolis é \_\_\_\_\_ (bonito)

Um ótimo começo de mês!

## Concordância verbal: exercícios antes da teoria

*“Quem comete uma injustiça é sempre mais infeliz que o injustiçado.” Platão*

Nesta semana, vamos ficar com exercícios de concordância verbal, que serão comentados aqui na próxima semana.

Vamos lá!

Justifique a concordância dos verbos nas orações seguintes.

- a) É mofina a condição dos povos em que **faltam** lavradores e **sobejam** legisladores.
- b) Itaguaí e o universo **ficavam** à beira de uma revolução.

- c) No dia seguinte, **veio** o morgado e a filha a Lisboa.
- d) **Seguiam**-na, a distância, o esposo e o médico.
- e) Obelisco não é mourão em que se **amaram** cavalos.
- f) **Chevava** a multidão de passageiros dos subúrbios.
- g) Eu, o silêncio e a solidão **éramos** quem estava aí.
- h) A maior parte das companheiras **eram** felizes.
- i) A maioria dos condenados **acabou** nas plagas africanas.
- j) Ao lado, em distância, conveniente para o fogo não chamuscar a copa verde, uma palmeira ou árvore esguia **era** plantada.
- l) O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo **passa**.
- m) Mais de um rico **ficou** reduzido à miséria.
- n) Nem o macaco nem a ema **conseguem** escapar à agilidade do puma.
- o) **Sobraram** certa de sessenta ingressos.
- p) Infelizmente, só quando **acontecem** tragédias é que as autoridades tomam providência.

Uma semana na paz!

## Concordância verbal: exercícios com teoria

*“O corpo humano é a carruagem. Eu, homem que a conduz. O pensamento, as rédeas. Os sentimentos, os cavalos.” Platão*

Semana passada, os exercícios chegaram antes da teoria. Agora é a hora de justificar as concordâncias verbais de cada oração do exercício da semana passada.

Justifique a concordância dos verbos nas orações seguintes.

- a) É mofina a condição dos povos em que **faltam** lavradores e **sobejam** legisladores.

*O sujeito de “faltam” – “lavradores” – está no plural e concorda com o verbo no plural; o sujeito de “sobejam” – “legisladores” – está no plural e concorda com o verbo no plural.*

- b) Itaguaí e o universo **ficavam** à beira de uma revolução.

*O sujeito de “ficavam” é composto – Itaguaí e o universo –; daí o verbo no plural.*

- c) No dia seguinte, **veio** o morgado e a filha a Lisboa.

*O sujeito de “veio” – “o morgado e a filha” – tem dois núcleos e o verbo deve estar no plural. A forma correta é “vieram”. Apesar dessa regra geral, a gramática descreve a possibilidade de concordância com o sujeito mais próximo.*

- d) **Seguiam**-na, a distância, o esposo e o médico.

O sujeito de “seguiam” – “o esposo e o médico” – tem dois núcleos e concorda com o verbo no plural.

- e) Obelisco não é mourão em que se **amarram** cavalos.

O sujeito de “amarram” – “cavalos” – está no plural e concorda com o verbo, que está na voz passiva.

- f) **Chegava** a multidão de passageiros dos subúrbios.

O sujeito de “Chegava” – “a multidão” – está no singular e concorda com o verbo.

- g) Eu, o silêncio e a solidão **éramos** quem estava aí.

O sujeito de “éramos” – “Eu, o silêncio e a solidão” – tem três núcleos, sendo um deles um pronome de primeira pessoa. Então, o verbo fica na primeira pessoa do plural.

- h) A maior parte das companheiras **eram** felizes.

O sujeito de “eram” – “a maior parte” – está no singular e o verbo deve estar no singular também: “era”. Apesar dessa regra geral, a gramática autoriza a concordância no plural, com o objetivo de evidenciar os vários elementos que compõem o todo.

- i) A maioria dos condenados **acabou** nas plagas africanas.

O sujeito de “acabou” – “A maioria” – está no singular e concorda com o verbo. Apesar dessa regra geral, a gramática autoriza a concordância no plural, com o objetivo de evidenciar os vários elementos que compõem o todo.

- j) Ao lado, em distância, conveniente para o fogo não chamuscar a copa verde, uma palmeira ou árvore esguia **era** plantada.

O sujeito de “era” – “uma palmeira ou árvore esguia” – pode levar o verbo para o singular ou o plural, a depender de o fato expresso pelo verbo poder ser atribuído a todos os sujeitos ou não, com a ideia de alternativa. No caso desta oração, há ideia de atribuição aos dois sujeitos e o verbo deve ficar no plural.

- l) O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo **passa**.

O sujeito de “passa” – “tudo” – está no singular e concorda com o verbo.

- m) Mais de um ricaço **ficou** reduzido à miséria.

O sujeito de “ficou” – “mais de um” – está no singular e concorda com o verbo.

- n) Nem o macaco nem a ema **conseguem** escapar à agilidade do puma.

O sujeito de “conseguem” – “Nemo macaco nem a ema” – pode levar o verbo para o singular ou o plural, a depender de o fato expresso pelo verbo poder ser atribuído a todos os sujeitos ou não, com a ideia de

alternativa. No caso desta oração, há ideia de atribuição aos dois sujeitos e o verbo deve ficar no plural.

- o) **Sobraram** cerca de sessenta ingressos.

O sujeito de “Sobraram” – “sessenta ingressos” – está no plural e leva o verbo para o plural.

- p) Infelizmente, só quando **acontecem** tragédias é que as autoridades tomam providência.

O sujeito de “acontecem” – “tragédias” – está no plural e concorda com o verbo no plural.

Uma semana justa!

## Concordância do verbo Ser: como ser correta

“A vida inteira precisamos de graça e gentileza.” Platão

Nesta semana, o foco volta-se à concordância do verbo Ser, presente em predicados nominais.

Por ocorrer em predicados nominais, em que o sujeito e o predicativo apresentam a mesma natureza nominativa e representam uma igualdade, alguns aspectos da concordância do verbo Ser dão-se de forma diferente.

A regra geral de concordância verbal afirma que o verbo concorda com o seu sujeito. Já com o verbo Ser é diferente. Existem contextos em que ele concorda com o predicativo. São eles:

- o sujeito é *tudo, isto, isso, aquilo*. Exemplo: Tudo **eram hipóteses**.
- o sujeito é nome de coisa no singular e o predicativo um substantivo no plural. Exemplo: Sua salvação **foram aquelas ervas**.
- o sujeito é uma expressão de sentido coletivo. Exemplo: **A maioria eram** rapazes.
- nas locuções *é muito, é pouco, é menos*, cujo sujeito exprime quantidade, preço, medida. Exemplo: Seis anos **era muito**. Três metros **é menos que preciso**.
- na indicação de horas, datas e distâncias, sendo o verbo impessoal. Exemplo: **Eram duas** da tarde. Hoje **são 25**.

Mas nesse caso o verbo pode ficar no singular, concordando com a ideia implícita de “dia”.

### Vamos exercitar?

Complete cada período com uma das formas do verbo Ser propostas entre parênteses, atendendo à concordância da língua portuguesa padrão.

- a) Nem tudo na vida \_\_\_\_\_ flores. (é/são)

- b) A sua meta \_\_\_\_\_ os grandes centros da europa. (era/eram)
- c) João \_\_\_\_\_ só problemas. (era/eram)
- d) Isto \_\_\_\_\_ teorias que a prática desmente. (é/são)
- e) Cem mil reais \_\_\_\_\_ muito. (é/são)
- f) Hoje \_\_\_\_\_ 25 do mês. (é/são)
- g) Quando voltei da cidade \_\_\_\_\_ uma hora e meia da tarde. (era/eram)
- h) \_\_\_\_\_ cinco horas da manhã quando me chamaram. (seria/seriam)
- i) Aquilo \_\_\_\_\_ caprichos que não durariam muito. (era/eram)
- j) Os EUA \_\_\_\_\_ país rico. (é/são)
- l) \_\_\_\_\_ uma vez dois mágicos famosos. (era/eram)
- m) O responsável \_\_\_\_\_ tu. (és/é)
- n) O que mais me agradou no filme \_\_\_\_\_ as cenas finais. (foi/foram)
- o) Bons divertimentos \_\_\_\_\_ é o que não lhe falta. (é/são)
- p) Preservemos a natureza: os beneficiados \_\_\_\_\_ nós. (são/somos)
- q) Edifícios só havia dois, o resto \_\_\_\_\_ casas modestas. (era/eram)

Uma semana agradável!



